

*Recepção crítica de A hora da estrela: uma celebração
ao centenário de Clarice Lispector*

Eliene Rodrigues Sousa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Gilberto Alves Araújo

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ & UNIVERSITY OF THE WITWATERSRAND

Raquel da Silva Lopes

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

ABSTRACT

This work intends to present and discuss the critique on *The hour of the star* (1977), (re)evaluating the importance of the novel as Lispector's legacy. Critical review on academic and media texts referring to the novel is used here. Results: Brazilian media posits the narrative in terms of explicitation vs. introspection, social engagement and aesthetic sublimation; foreign columnists discuss the readability of the novel and its place among great works; academic critique indicates that the novel contests patterns, subverting logic, the idea of narrative completion and authoritarian views.

Keywords: Clarice Lispector, novel, *The hour of the star*, critique, Latin American literature.

Este trabalho pretende apresentar e discutir a crítica devotada *À hora da estrela* (1977), (re)avaliando a relevância do romance como legado de Lispector. Usa-se aqui a revisão crítica de textos acadêmicos e midiáticos sobre a obra. Resultados: a mídia Brasileira debate o romance em termos de explicitação vs. introspecção, engajamento social e sublimação estética; colunistas estrangeiros discutem a legibilidade do romance e seu lugar entre as grandes obras; a crítica acadêmica crê que o romance contesta padrões, subvertendo a lógica, a ideia de conclusão narrativa e o autoritarismo de visões.

Palavras-chave: Clarice Lispector, romance, *A hora da estrela*, crítica, literatura latino-americana.

Introdução

Neste artigo, nossa meta é apresentar, debater e/ou comparar relevantes contribuições de críticos dedicados ao estudo da obra *A hora da estrela* (Lispector, 1977), de Clarice Lispector, tendo em vista: o centenário da escritora, 1920-2020; a reedição comemorativa do romance em inglês pela editora *New Directions* (2020); e a republicação de 18 de suas obras pela editora Rocco (Ano, 2019), dentre as quais o romance objeto da crítica aqui aventada. Sob uma perspectiva cronológica, observamos a trajetória da fortuna crítica sobre esse romance, compreendendo que concepções e perspectivas foram construídas a seu respeito. Ao mesmo tempo, tencionamos notar possíveis transformações e avanços que estudiosos foram capazes de propor ao longo de quatro décadas (1977-2020) e capturar o que estes podem nos ensinar sobre o legado da autora não apenas para a literatura brasileira e latino-americana, mas também para a literatura mundial, especialmente neste ano em que celebramos um século do nascimento de Clarice Lispector.

Publicada em 1977, mesmo ano da morte da autora, *A hora da estrela* (doravante AHDE) é, ao lado de *Um sopro de vida: pulsações* (Lispector, 1978), parte do duo que encerra a carreira literária de Lispector, marcando também o fim de sua biografia. Escrito no momento em que Lispector enfrentava um grave câncer de ovário, enfermidade que a vitimou aos 57 anos de idade, esse romance é uma das obras mais importantes e estudadas da literatura nacional. O romance explora as (des)aventuras de Macabéa, uma nordestina que migra de Alagoas para a cidade do Rio de Janeiro, onde sobrevive insossamente; morrendo, enfim, atropelada por uma Mercedes-Benz. Inúmeros temas e reflexões são provocadas pelo teor e arquitetura dessa narrativa que desafia moldes e marca para sempre a história da arte literária no continente.

Consequentemente, o romance tem sido objeto de verdadeira fascinação entre estudiosos da literatura e áreas afins, analisado e debatido em centenas de artigos, teses e dissertações no país e no exterior¹. Sob essas circunstâncias, apresentar uma nova perspectiva sobre tão notória criação torna-se de fato um desafio. Ainda assim, cremos ser possível identificar e tratar da recepção crítica acerca dessa narrativa através do tempo sistematizando concepções sobre as contribuições claricianas para a arte e refletindo a respeito da natureza estética/filosófica/social da obra e de seu impacto na academia e na sociedade em geral. Além disso, temos a oportunidade de compreender alguns motivos que fundamentariam tamanho magnetismo por um romance que inquieta a um só tempo leitores, editores, tradutores e críticos.

¹ Uma rápida busca pelo título *A hora da estrela* no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES [Disponível em: <[https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>](https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/). Acesso em: 30 mar. 2020] revela que somente nas áreas de letras haveria 59.331 trabalhos relacionados a essa palavras-chave.

Em verdade, não apenas em AHDE, mas desde o primeiro romance, *Perto do coração selvagem* (Lispector, 1943), a escrita de Lispector estabelece uma ruptura perante os paradigmas narrativos vigentes, transgredindo convenções linguísticas e literárias. A partir de então, a artista conseguiu atrair a atenção de renomados teóricos como Antonio Candido (1977) e Roberto Schwarz (1965), mas nem por isso foi poupada de duras e injustas reprimendas por parte daqueles que não compreenderam a intrepidez de sua arte, às vezes considerada “lixo” (Becherucci, 1974) e “impublicável” (Moraes, 1974) por jornalistas de sua época. Não obstante, mais de quarenta anos após sua morte, Lispector continua despertando o interesse de estudiosos brasileiros e estrangeiros (Gildea, 2014; Moser, 2015; Dodson, 2017; Goldman, 2018; Kellogg, 2019), e reavivando o apreço popular por sua criação, que circula em (pseudo)citações, memes, e outros gêneros próprios da era da internet

Mantendo todo esse contexto em perspectiva, reiteramos que nosso objetivo maior aqui é apresentar e discutir a recepção crítica de AHDE e não necessariamente de toda a obra de Lispector. Para tanto, organizamos este artigo em cinco seções: a primeira e a segunda oferecem percepções gerais da crítica jornalística, ou não necessariamente acadêmica, veiculadas em diversos periódicos nacionais e estrangeiros entre os anos de 1977 e 2020; a terceira traz estudos acadêmicos publicados sobre a obra entre as décadas de 1970 e 1980; a quarta discorre sobre contribuições críticas apresentadas nos anos de 1990 e a quinta inclui debates teóricos publicados nos anos 2000.

É importante lembrar também que essa divisão de seções, parcialmente por critérios cronológicos, em nada se relaciona à tessitura estética da obra ou a parâmetros próprios da crítica literária. Na verdade, seu propósito é majoritariamente didático, já que sistematiza a exposição dos debates, permite a observação ordenada de alterações nas percepções críticas e facilita a orientação do leitor através da pletora de textos referenciados.

Esperamos com este trabalho oportunizar o acesso a um conjunto de estudos sobre AHDE pela apresentação de uma síntese das contribuições de diversos teóricos e periódicos, procurando também condensar nossas discussões acerca do discernimento e avaliação do legado clariciano no caso particular do romance citado.

Recepção crítica em jornais e revistas brasileiras

Antes mesmo de seu lançamento, AHDE tornou-se tema de jornais como *O Globo* (Clarice, 1977) e *Última Hora* (Trechos, 1977), os quais podem ter instaurado um ambiente de recepção positiva para a obra, despertando a curiosidade do público antes mesmo de sua circulação. Embora o segundo tenha se limitado a

anunciar a estreia da narrativa e a veicular trechos desta, ao estilo promocional dos *teasers*, o primeiro publicou uma entrevista completa com Lispector na qual a autora responde a perguntas relacionadas ao trabalho de escrita, aos desafios financeiros como escritora e à classificação da crítica jornalística a respeito de sua obra como literatura mística. Sobre *A hora da estrela*, Lispector se limita a dizer que “foi [um livro] de grande inspiração e sofrimento” (Clarice, 1977).

É preciso recordar que a publicação desse romance é antecedida pelas duras reações do *Jornal do Brasil* (Moraes, 1974) e da revista *Veja* (Becherucci, 1974) acerca de *Via crucis do corpo*, já mencionadas na introdução; bem como pela divulgação de disputas entre Lispector e seus editores (Clarice, 1976). Em face dessas e de outras circunstâncias, Lispector não apenas teria sido cancelada como misantropa, mas também poderia não mais gozar do mesmo prestígio que lhe trouxera *Paixão segundo G.H.* (Lispector, 1964). Esse cenário, em tese, tornaria a crítica menos predisposta ao elogio frente ao lançamento de AHDE.

Entretanto, o falecimento da escritora em meados do mesmo ano de lançamento do romance pode ter mais tarde intensificado duas dinâmicas por parte dos jornais: a primeira se trata da avaliação que procura extensivamente conectar AHDE com outras obras anteriores da autora; e a segunda se refere à mistificação mais intensa de sua biografia e obra.

Os artigos jornalísticos anteriores à sua morte, no entanto, parecem enfatizar a ideia de que seu romance se infunde de mística e solidão. Para o colunista do *Jornal de Brasília* (Habib, 1977), Lispector permanece enigmática através da estratégia de ensaio e do avanço gradual, ainda que, conforme ele, a autora tenha se afastado da extrema introspecção que caracteriza muitos de seus trabalhos anteriores. Para Habib (1977), em AHDE é o próprio processo de escritura que se torna protagonista da narrativa, já que este emerge avassalador, patente e delicado.

Em *O Globo*, Junqueira (1977) discorda parcialmente de Sérgio Habib ao destacar que nesse romance Lispector consolida sua introspecção, bem como sua habilidade para a construção de perspectivas metafóricas, fenomenológicas e existenciais. Nesse ponto particular, Medeiros (1977), do *Jornal do Brasil*, também contraria parcialmente Habib e confirma a posição de Junqueira a respeito da introspectiva atmosfera que domina o corpo da novela. Ao passo que para Habib (1977) Lispector rompe níveis de uma introspecção profunda que outrora ocultava o processo de criação, para Junqueira (1977) e Medeiros (1977) a elaboração das interações entre narrador e leitor, por exemplo, não obstante sua capacidade de expor a lapidação da arte clariciana, ainda preserva a natureza personalíssima e interior do estilo de Lispector: a autora “intimista e subjetiva se faz presente em todo o corpo da novela – auscultando, questionando, interrompendo, exigindo a

participação do leitor, a quem oferta ou sonega os truques da prestidigitação” (Medeiros, 1977).

Com efeito, tal qual Medeiros (1977), Junqueira (1977) também sugere que a introspecção de Lispector torna-a uma artista de aura solitária e insólita, a começar pelos títulos dos artigos de ambos os colunistas, os quais repetem em parte a concepção de solidão evocada pelo título da entrevista em O Globo (Clarice, 1977), publicada antes do lançamento da obra: “**Solitária**, solidária” (Medeiros, 1977); “Clarice Lispector: **insólita**, **solitária**, romancista total” (Junqueira, 1977); “Clarice Lispector, mais um livro e a mesma **solidão**” (Clarice, 1977) [grifos nossos]. Junqueira (1977) acrescenta ainda que AHDE alarga os horizontes da ficção nacional e oportuniza uma inusitada abertura para a realidade regionalista, a partir da visão interna do nordeste brasileiro. Além disso, esses críticos também concorrem, de um modo ou de outro, para estabelecer a consideração de que a expressividade da língua em Lispector ganha em AHDE uma finalidade de problematização sem precedentes, afastando-se da ideia anterior de uma língua de triunfos.

É através dessa linguagem problematizadora que em AHDE Lispector se volta explicitamente, conforme alguns críticos, para as questões sociais. Embora não haja elementos suficientes para corroborar esta tese, é possível admitir que a autora estivesse respondendo às demandas para que sua criação representasse os oprimidos ou que se aliasse à “literatura engajada” dos anos 1960 e 1970 e com o projeto identitário nacional, capitaneado então pelos agentes da ditadura militar.

Arêas (1977) e Ribeiro (1977) são dois de alguns colunistas a prestarem maior atenção a esses aspectos sociais em AHDE. Diferentemente de alguns dos jornalistas mencionados até aqui, Arêas (1977) argumenta que nesse romance Lispector não mistifica e nem estetiza o real, tampouco mascara as distinções entre classes socioeconômicas. Para Arêas (1977), a escritora assume os paradoxos a fim de reelaborá-los como forma de questionamento às estruturas do *status quo*, sejam estas parte da vida social ou da própria literatura.

Ribeiro (1977) parece ir além, ao afirmar que a abordagem de aspectos sociais já se inseria em todos os trabalhos anteriores de Lispector, e muito mais ainda em AHDE. Para o jornalista, nessa e em outras obras a autora expunha uma diversidade de pontos de vista sociais, e capturava dolorosamente a verdade, construindo assim uma literatura dos impotentes.

Em sentido comparável, Samuel Rawet (1979) também defende que Lispector já se engajara socialmente em obras anteriores, bem antes de AHDE. Ao ler Rawet recordamos que Lispector em todas as outras obras sempre se mostrou mulher, às vezes estrangeira, mas sempre nordestina, o que já nos aponta a relevância do social em sua criação – não obstante o fato de ser casada com um embaixador e vir de uma família de pintores e críticos de arte, potencialmente

gozando de maiores privilégios, conforme sugerem alguns críticos (ver Wilmington, 1987; Moore, 2009).

Assim, enquanto muitos comentaristas de jornal e os próprios críticos da história da literatura nacional procuravam cobrar e incentivar um engajamento sociopolítico por parte da arte, ou talvez a construção de uma identidade brasileira mediante a ficção, Rawet (1979) e outros estavam preocupados em demonstrar que não existe apenas uma forma de engajamento, aquela óbvia e objetiva. Em seu ensaio, Rawet (1979), polonês radicado no Brasil, contesta a posição de Portella (1977), o qual ele vê como policial da literatura nacional, ditando e selecionando parâmetros para a construção da identidade brasileira, sem, no entanto, apreciar o conjunto da obra de Lispector, para além de AHDE.

Nesse sentido, Portella (1977) parece contrariar Junqueira (1977), Medeiros (1977) e ainda mais Ribeiro (1977), levando a cabo a percepção de Habib (1977) quando considera que em AHDE a autora se revela “nova, exterior e explícita, comprometida nordestinamente com o projeto brasileiro” (Portella, 1977 apud Rawet, 2008 [1979], p. 218). Ao responder a proposição de Portella, Rawet (2008 [1979]) argumenta justamente o oposto disso, citando inclusive trechos de *Água Viva* (Lispector, 1973). Para este, já havia no romance supramencionado a presença de um projeto nordestino muito anterior à AHDE. Segundo ele, Portella (1977) tanto não compreende quanto violenta a sensibilidade do espírito clariciano para a paródia. Rawet (1979) admoesta Portella e outros críticos para os riscos causados pela indistinção entre um projeto de engajamento sociopolítico e um empreendimento de construção da identidade brasileira. Conforme o estudioso polonês, o mesmo totalitarismo da época, ilustrado no AI-5, fazia-se presente veladamente entre os críticos brasileiros, os quais queriam normatizar a aceitabilidade de diferentes formas de engajamento e o tipo de literatura encarregada de implementar o projeto identitário nacional quando da discussão de AHDE.

Essa normatização talvez fique mais evidente no caso de Eduardo Portella, servidor da ditadura militar demitido mais tarde pelos generais do governo, o qual, ao lado de outros críticos de seu tempo, enfatizava a necessidade do desenvolvimento de uma identidade brasileira nacionalista, e a demanda por uma literatura mais representacional. Não obstante, pelo que entendemos de Rawet (1979), em AHDE e outras obras, Lispector talvez vá na contramão desse movimento, recorrendo à tradição dos discursos do poder, do nacionalismo e da religião para afrontá-los, infringi-los ou transmutá-los, e não para replicá-los, como quer Portella.

Independentemente dessas acentuadas polêmicas acerca de AHDE, a obra continuaria viva nos periódicos nacionais (A Hora, 1986; Cancino, 1999) e estrangeiros (Wilmington, 1987; Maslin, 1987; Rich, 1998) nas décadas de 1980 e

1990 graças, dentre outros fatores, à sua adaptação cinematográfica pela diretora Suzana Amaral. Em verdade, a produção faturou diversos prêmios internacionais, incluindo alguns no Festival de Berlim em 1986, ano de sua estreia no exterior.

No Brasil, artigos jornalísticos entre o fim da primeira década deste século (Alves, 2008) – quando a leitura de AHDE torna-se obrigatória em muitos vestibulares – e a metade dos anos 2010 (Guedes, 2015) começam a preparar o terreno para as comemorações dos 40 anos de publicação do romance, e mais tarde a celebração do centenário de Lispector (Ianelli, 2019; Obra, 2019). Estes textos confirmam o prestígio obtido por Lispector e reforçam as ideias de mistério, excentricidade da linguagem e exploração/contemporaneidade da dimensão existencial – com destaque para o drama do ser humano pós-moderno –, sendo estes dois últimos elementos, um de natureza estética e o outro filosófica, os que mais se realçam nas breves menções à obra.

Publicações do fim dos anos 2010 também tentam divulgar adaptações da obra em forma de peças ou musicais (A Hora, 2017), bem como procuram enfatizar a atualidade das temáticas tratadas em AHDE (Maciel, 2017). Ao mesmo tempo, resgatam as noções de intimismo, engajamento feminista, inovação estética (Moscovich, 2017; Maciel 2017) e dilemas gerenciados por Lispector em seu processo criativo; uma artista que enfrentava a demanda de um projeto identitário brasileiro que requer uma ficção orientada por dadas balizas e ao mesmo tempo tinha que administrar o espírito transgressor que lhe é peculiar. Essas duas realidades acabam se revertendo na projeção de ao menos dois públicos leitores: “tem uma história mais linear [...], [para] um público mais amplo [...], [mas] combina também o lado tipicamente Clarice Lispector. [...] Tem esse lado experimental [...], mas tem também o lado acessível” (Vasquez apud Maciel, 2017, s.p.).

Recepção crítica em jornais e revistas estrangeiras

Já no exterior, uma das primeiras e mais célebres abordagens a AHDE não partiu do meio jornalístico, mas do meio acadêmico, através dos trabalhos da teórica francesa Hélène Cixous (1979a), sobre a qual trataremos brevemente na próxima seção. Suas análises críticas acerca da obra de Lispector, no fim dos anos 1970, e durante as décadas de 1980 e 1990 (Cixous, 1999 [1989]), não apenas contribuíram para notabilizar a escritora brasileira na Europa e na América do Norte, mas também abriram uma nova avenida de perspectivas para o estudo de sua obra, com destaque para as concepções de escrita feminista presentes também em AHDE.

Não obstante, a primeira tradução de AHDE de que se tem registro não foi para o francês, mas para o tcheco, *Okamžik pro hvězdu* [“Um momento para a

estrela”]), por Přeložila Pavla Lidmilová, em 1981, três anos antes de alcançar os leitores francófonos. De todo modo, foi a versão de Giovanni Pontiero, publicada em 1986 pela Carcanet Press, que introduziu AHDE aos leitores de língua inglesa, idioma mais comum do mundo entre usuários ‘não-nativos’. A resenha publicada no *Kirkus Reviews Issue* no mesmo ano de publicação da obra faz uma avaliação brevíssima acerca desta e se limita a apontar a profunda dor e a ternura imbuídas na narrativa clariciana, bem como a maestria de sua estética: “a painful but lovely testimony to her superb talents” (The Hour, 1986).

O *The New York Times* também se pronuncia sobre a inauguração de AHDE em língua inglesa. Em uma revisão crítica mais longa, o colunista Alfred Mac Adam (1986) justifica o porquê de Lispector ter permanecido quase desconhecida do público anglófono até então, apesar do Brasil possuir, na visão dele, a tradição literária mais forte da América Latina. Um motivo chave para explicar esse quadro seria o fato de que a língua portuguesa teria menos alcance do que o Espanhol ou Inglês de escritoras Espano-estadunidenses como Isabel Allende, Luisa Venezuela e Rosario Ferre, já afamadas entre leitores de língua inglesa. Outra razão seria a inacessibilidade da escrita clariciana ao público mediano, chamando quase que unicamente a atenção de acadêmicos. Entretanto, AHDE poderia mudar radicalmente esse quadro ao engajar-se mais com a explicitude do social e da arte.

Mac Adam (1986) argumenta que o romance breve, apenas 79 páginas, é também extremamente denso. Dedicando-se inicialmente a discutir a dimensão estética de AHDE, o crítico indica que essa profundidade se aplica a reflexões inusitadas sobre relações entre arte e sociedade, entre o artista e sua obra. Porém, mais adiante, Mac Adam parte para uma apreciação dos aspectos sociais do romance e o rotula como “crítica social naturalista”, o que para ele seria característico da América Latina. Nesse sentido, o comentarista tenta relacionar a dominação masculina no âmbito da linguagem do narrador às circunstâncias de ditadura militar em que o Brasil experimentava naquele momento. Assim, Mac Adam (1986) acredita que AHDE é uma fachada de Lispector para dar voz às preocupações da autora com a pobreza e com a ditadura militar. Além disso, ele defende que em AHDE autor-espírito criativo e autor-pessoa são cindidos de forma bastante acintosa. Nessa cisão, e às vezes disputa entre ambos, a linguagem é que suplanta a todos.

Adam (1986) também acredita que o narrador masculino de Lispector é destruído pela própria autora através de ironia. Tanto este quanto os demais personagens nascem e morrem através do simples movimento da palavra no papel.

De qualquer modo, os anos 1980, 1990 e início dos anos 2000 não contaram com significativas ou numerosas reflexões acerca de AHDE no exterior, com exceção de esporádicas publicações como as que supramencionamos. O fim desta

primeira década do século, no entanto, foi marcada pelo primeiro passo em direção a um grande despertar do público e da crítica estrangeiros no que se refere a Lispector, em especial a AHDE e aos seus famosos contos. É possível que esse movimento tenha se iniciado em 2009 com a publicação de *Why this world: a biography of Clarice Lispector*, por Benjamin Moser, que lançou a primeira edição do livro em português no ano seguinte e cuja segunda edição está aqui referenciada (ver Moser, 2011a [2009]).

Ainda em 2009, possivelmente inspirado por essa biografia, o prestigiado *New York Review of Books* publica uma breve reflexão não apenas sobre AHDE, mas também sobre a vida e obra de Lispector (Moore, 2009). A colunista Moore inicia a revisão contrastando as diferentes atitudes e sentimentos dos leitores brasileiros e estadunidenses em relação a AHDE, a partir de seus comentários na plataforma da Amazon. Ela explica que, enquanto os leitores lusófonos tendem a louvar o estilo inusitado e inventivo de Lispector, os leitores de língua inglesa se mostram tépidos, frequentemente confusos e avessos à inerente linguagem clariciana (ver Mac Adam, 1986). Lembramos que a versão em inglês a que se refere Moore é a de Giovanni Pontiero, que parece reduzir bastante a complexidade da morfossintaxe clariciana, conforme sugere Moser (2011b). Na visão deste, sua tradução de 2011 é uma segunda chance para que o leitor anglófono possa apreciar toda a “esquisitice” e ineditismo de AHDE – desconsiderando a possível resistência anteriormente mencionada por Moore (2009) quando em contato com a versão de Pontiero.

Ainda no que concerne à crítica de Moore (2009), esta argumenta que Lispector procede de uma família privilegiada e que os seus muitos vestidos de designer, sua posição socioeconômica e seus textos para a coluna de beleza feminina no *Jornal do Brasil* transformam-na numa feminista de menor valor, o que possivelmente se refrataria em sua obra (Moore, 2009, s.p.). Outros discordam parcialmente dessa posição; Kehoe (2014), por exemplo, argumenta que Lispector nunca se sentiu confortável nos círculos sociais de prestígio, um desajuste que se mostra de alguma forma em AHDE.

À medida que apresenta Lispector e sua obra, Moore parece cada vez mais se colocar ao lado dos leitores incapazes de compreender AHDE, dentre tantas outras narrativas. Para a crítica estadunidense, Lispector tinha um interesse leve e meramente estético em relação aos pobres e à pobreza, tornando-os filosofia e símbolos existenciais, à moda de um ventríloquo que manipula indiferentemente seus instrumentos de trabalho (Moore, 2009, s.p.).

Nos anos seguintes à biografia por Moser e sua tradução de AHDE, e até o primeiro semestre de 2020, houve uma profusão de artigos em periódicos estrangeiros a respeito do romance, sobretudo em virtude de seu relançamento pela editora *Penguin Classics* (Kehoe, 2014; Shakespeare, 2014; Evans, 2014; Tóibín,

2014; Gildea, 2014; Kofman, 2015; Cronin, 2015; Ha, 2015a; Vidal, 2015; Esposito, 2017). Nesse sentido, 2018-2019 é considerado o período de outro renascimento do interesse estrangeiro por AHDE e sua autora, como deixam entrever Shook (2018) e Morgan (2019), entre outros (Kakitani, 2018; Shook, 2018; Dennis, 2018; Broida, 2019, Morgan, 2019; Stobbs, 2019; Galchen, 2020; Walsh, 2020). Da América do Norte à Europa Ocidental, da Irlanda à Austrália, de jornalistas a acadêmicos, um grande número de críticos continuou se propondo a apresentar seus pontos de vista e percepções sobre a densidade apresentada por Lispector no romance em tela. Mostram-se todos ávidos por manter viva na memória do público a excepcionalidade de um romance que permanece atraindo leitores de diversas línguas e nações, mesmo após mais de 40 anos de publicação e 100 anos de nascimento de sua autora.

Nessa multidão desses últimos artigos em jornais e revistas há alguns temas, porém, que são mais frequentemente explorados acerca de Lispector e sua AHDE, a saber: (i) *a natureza da estética clariciana*, (ii) *o lugar de AHDE e Lispector no panteão literário*, (iii) *o efeito estético de AHDE sobre os leitores*, (iv) *sua habilidade de incorporar o vazio na estética*, (v) *a conexão entre a vida da autora e a obra*, (vi) *a filosofia emergente em AHDE*, (vii) *a interação entre humor e tragédia*, (viii) *o feminismo de sua escrita* e (ix) *a exploração da dimensão social*.

Sobre a primeira temática (i), alguns críticos entendem que a frustração de Lispector diante da pressão de ter que contar uma história dentro de um esquadro a motivava na transgressão dos padrões que se espera da literatura, tanto em termos de estrutura narrativa quanto no uso da própria linguagem e na criação das personagens e seus mundos interiores (Kehoe, 2014; Evans, 2014; Gildea, 2014). Tanto o é, que alguns críticos apontam a “não-literariedade” transgressiva como qualidade de seu trabalho (Shakespeare, 2014; Kofman, 2015). Esse caráter inusitado de AHDE fazia com seus editores a evitassem como “praga”, sugere Shakespeare (2014, s.p.).

Ainda assim, tal é a engenhosidade e o refinamento de Lispector com a língua (Tóibín, 2014), que Kofman (2015) e Walsh (2020) deixam entrever que em AHDE há não somente uma linguagem filosófica, mas também uma filosofia da linguagem; ‘bizarra’, ‘desafiadora’ e ‘deslumbrante’ (Ha, 2015a). Nesse sentido, Walsh reverbera a crítica de Benjamin Moser ao argumentar, citando um trecho de AHDE, que na filosofia clariciana a língua não representa coisa alguma, mas tão somente a si mesma (Lispector, 2011 apud Walsh, 2020, s.p.; Mac Adam, 1986).

Em virtude desse posicionamento, Walsh (2020) acaba dialogando não somente com o supramencionado Moser (2009), mas também com Portella (1977), que demandava de AHDE uma linguagem mais representacional, e com Rawet (1979), cuja avaliação apresentada no início desta seção sublimava a estética clariciana, opondo-se, portanto, a essa pressão pelo representacional. Ademais,

nossa leitura de Walsh (2020; Mac Adam, 1986) nos permite dizer que a linguagem clariciana em AHDE está no espectro Outro-Sujeito, uma energia-massa etérea e sempre-já-lá, através da qual se (des)constituem e escapam sujeitos, espaço e tempo.

De uma outra perspectiva estética, Dennis (2018, s.p.) explica que a língua e o estilo de Lispector tanto demonstram a imensidão léxico-semântica do português, superior ao inglês – “with a vocabulary that far expands that of English” –, quanto tornam o texto de AHDE instável. Assim, para ela, apenas a interação narrador-leitor se manteria constante, ocultando/revelando, no entanto, o que o leitor comum espera obter facilmente, mas só o consegue laboriosamente (ver Mac Adam, 1986).

Na mesma esteira, o renomado escritor irlandês Tóibín (2014), em seu texto para o *The Guardian*, expande essa referida percepção de incerteza ao afirmar que nada no texto clariciano é estável, o que coincide com a “lassidão” e a “falta de confiabilidade” brasileiras apontadas pela poetisa Elizabeth Bishop (apud Moore, 2009, s.p.) como marcas do trabalho de Lispector. Ele acrescenta ainda que ninguém lida com estes dois tipos de impotência melhor do que Lispector em AHDE: a do narrador e a da protagonista. Para o autor (Tóibín, 2014), a maioria dos últimos trabalhos de um artista possui uma beleza espectral, em que forma e conteúdo dançam uma lenta e engenhosa valsa, contudo, em AHDE, ele crê que Lispector escreve como se sua vida estivesse começando, como se precisasse sacudir os fundamentos da narrativa para descobrir aonde esta poderia levá-la.

Quanto ao *lugar de AHDE e Lispector entre os grandes da literatura* (ii), a obra é constantemente aproximada ou contrastada com a criação de outros notórios artistas como Laurence Sterne, Flann O’Brien, Jorge Luis Borges (Kehoe, 2014), James Joyce, Virginia Woolf, Vladimir Nabokov (Shakespeare, 2014; Cronin, 2015; Stobbs, 2019; Broida, 2019; Rabassa, 2005 apud Ha, 2015b) ou até mesmo o famoso pintor italiano Michelangelo Simoni (Mac Adam, 1986). Broida (2019), por exemplo, percebe no uso do “sim”, como abertura e fechamento de AHDE, a evidência do contato entre Lispector e James Joyce, o qual constrói a mesma aura filosófica em torno do “sim”. Mac Adam (1986), por sua vez, vê em Macabéa a mesma incompletude estética da escultura “Escravos”, de Michelângelo. Alguns desses jornalistas, por outro lado, apenas ecoam as opiniões de estudiosos da literatura tais como Sérgio Milliet – para quem Lispector “succumbs beneath the weight of her own richness” (apud Broida, 2019, s.p.) – e Hélène Cixous, cuja avaliação defende Lispector como uma versão feminina de Franz Kafka, uma aparição brasileira de Rainer Rilke, um Arthur Rimbaud, se este tivesse sido mãe, e/ou uma encarnação latino-americana do filósofo Martin Heidegger (apud Kofman, 2015). Outros críticos evitam compará-la, limitando-se a afirmar que

Lispector é única, absolutamente econômica na linguagem como nenhuma outra (ver Walsh, 2020; Tóibín, 2014; cf. Stobbs, 2019).

No que concerne ao *efeito da estética clariciana sobre o leitor* de AHDE (iii), Kehoe (2014) e Walsh (2020) acreditam que Lispector separa claramente quem é seu público alvo, uma plateia experimentada e extremamente sensível (ver Vasquez apud Maciel, 2017; Mac Adam, 1986). A segunda aconselha ao leitor inexperiente que se prepare para ficar “sem chão”, atemorizado e incapaz diante da estética de AHDE (Walsh, 2020). No mesmo sentido, Kehoe aponta as inúmeras pausas e reflexões que teve que fazer durante a leitura. Para este, AHDE é composta como versos de poesia, dada a potência e o charme da escrita clariciana. Vidal (2015) concorda, e explica que ler Lispector é como lidar com mundos “flamejantes”, prestes a explodir, mas que o leitor deseja manter consigo por causa de sua melancolia e profundidade de sentido. Tamanha singularidade torna a tradução um processo sofrível, observa o tradutor ElGebaly, responsável pela primeira versão de AHDE em árabe (Brazil-Arab, 2018).

Para Galchen (2020), no entanto, AHDE é legível, charmosa e até mesmo fácil se comparada às demais obras de Lispector, como *Água Viva* (Lispector, 1973), por exemplo. Stobbs (2019) nota, porém, que para alguns a linguagem de Lispector pode tornar-se inacessível ou parecer pretenciosa, já que seu estilo é afiado e difícil para o leitor menos vivido. Ainda assim, Stobbs crê que AHDE é raro, instigante e memorável.

Por outro lado, na esteira dos que apresentam reservas sobre AHDE e o estilo de Lispector, encontra-se o colunista do jornal londrino, *The Telegraph* (Shakespeare, 2014). Acompanhando a opinião do crítico Alfred Knopf Jr. (proprietário da Atheneum Publishers) – que disse não ter entendido uma palavra de *A maçã no escuro* (Lispector, 1961) –, Shakespeare indica que toda a fama de AHDE não se confirma na sua leitura. Dizendo-se decepcionado por essa expectativa sobre Lispector, o jornalista explica que AHDE não faz sentido, pois carece de enredo, desenvolvimento das personagens, lucidez, precisão, ironia e humor. Insatisfeito, Shakespeare (2014) afirma que ao colocarem Lispector ao lado de Franz Kafka, Virginia Woolf e James Joyce, seus “fãs” lembram-no do que a autora brasileira não possui ou não é.

Em outro ponto, quando discorrendo sobre a *habilidade de Lispector em incorporar o vazio* em sua estética (iv), dentre outros elementos, Shakespeare (2014) destaca também que a autora de AHDE torna-se insensível e mórbida. Em sentido oposto, Gildea (2014; Stobbs, 2019) evidencia que AHDE é estranhamente humanística e comovente. Para o colunista irlandês, Lispector não padece do tom esterilmente acadêmico, presente em obras pós-modernas dessa envergadura.

Nessa disputa sobre o que o vazio significa não somente em AHDE, mas em boa parte da criação clariciana, o estadunidense *The Nation* (Kofman, 2015)

sugere que Lispector continua se debatendo com a linguagem mesmo quando o sempre-já-lá da língua não alcança mais, reproduzindo em parte e sem citar a crítica de José Castello (2011), um dos primeiros a defender essa tese, que é mais tarde reproduzida por Moser (2011b). Não à toa, afirma Kofman (2015), as palavras favoritas de Lispector em AHDE são “mudo” e “silêncio”, pois é esse vácuo que a motiva a criar mundos. Walsh (2020, s.p.) leva a cabo essa assunção e considera que o vazio, moldado por uma forma ausente, é a própria essência que Lispector procura.

Outro aspecto em torno de AHDE que parece bastante explorado é a *conexão entre a vida da autora e sua obra* (v). Um considerável número dos jornais e revistas analisados reforça ou replica estórias criadas a respeito da autora, sua vida e sua criação (Shakespeare, 2014; Kofman, 2015; Há, 2015; Esposito, 2017; Edwards apud Shook, 2018; Walsh, 2020; Galchen, 2020). Seja por sua natureza inusitada, seja pela pressão que jornalistas sofrem para atrair leitores, os rumores acerca de Lispector são descritos nesses periódicos com muitos detalhes, num estilo comparável ao modo como alguns tabloides reportam a vida de celebridades do cinema ou da TV.

Bela, esquisita, fugidia, incerta, introspectiva, nebulosa, inexplicável, misteriosa, ‘bruxa’², ‘comunista’, ‘católica’, ‘lésbica’, ‘homem’ ou uma ‘diplomata’ são algumas palavras-chave usadas para caracterizá-la ou introduzir impressões que a cercam (Tóibín, 2014; Shakespeare, 2014; Galchen, 2020; Walsh, 2020; Kofman, 2015; Esposito, 2017). Colunistas procuram, assim, operar um diálogo implícito entre esses rumores e a própria constituição da escrita clariciana, principalmente através de cotejamento, sugerindo que a excentricidade de AHDE possui alguma relação com essa persona criada pela mídia. Dois deles parecem sintetizar bem essa perspectiva de celebridade construída nos periódicos. Um afirma que editoras como a Penguin Classics foram ‘picadas pelo mosquito Lispector’, de tão obcecadas se mostram com AHDE e outras criações claricianas (Shakespeare, 2014, s.p.). A outra, em uma entrevista ao prestigiado *Los Angeles Review of Books* (Edwards apud Shook, 2018, s.p.), considera que AHDE, dado seu mais ‘fácil’ acesso em relação a outros romances de Lispector, é uma receita fundamental de como a autora pode se tornar um produto de circulação internacional, mais popularizado, portanto: “*The Hour of the Star* is an essential text here that offers a recipe for what to do if Clarice herself becomes an international export commodity like Coca-Cola or Marilyn Monroe”.

Não obstante essa tendência pervasiva da cultura de celebridade e do ‘supérfluo’, a profunda *dimensão filosófica* de AHDE (vi) é também uma pauta frequente nos textos de revisão da obra. Para alguns, o existencialismo parece ser o mais evidente elemento nas elucubrações de AHDE (Gildea, 2014); não

² Adjetivo frequentemente utilizado pela crítica brasileira Natália Gotlib (1995, p. 52).

fortuitamente, comparam-na a Franz Kafka, renomado escritor existencialista. Outros apontam a capacidade de AHDE de penetrar a escuridão do abismo em que se faz a condição humana (Dennis, 2018). Stobbs (2019) destaca, porém, que, mais do que uma contemplação sobre a vida humana, AHDE opera uma intrincada reflexão filosófica sobre o próprio processo de escrita. Enquanto James Joyce requer centenas de páginas para fazer algo semelhante, Stobbs (ver Mac Adam, 1986) acredita que Lispector consegue ser filosoficamente densa e potente utilizando muito menos páginas. Dennis (2018), por sua vez, reproduzindo um trecho da análise de Hélène Cixous, resume a relevância da dimensão filosófica no estilo clariciano: “lá, bem adiante, onde o filósofo perde o fôlego, [Lispector] continua, ainda além, muito além de todo o conhecimento” (Cixous apud Dennis, 2018, s.p.).

Já no que se refere à *interação entre humor e tragédia* (vii), aspecto sobre o qual poucos discutem (ver Moore, 2009), Dennis também se impressiona com as formas pelas quais ironia cruel, sarcasmo e sátira são capazes de tornar AHDE um romance belamente trágico, e repleto de multicamadas de sentido, exploradas distintamente cada vez que o leitor retorna ao texto (Dennis, 2018). Mesmo assim, a colunista australiana acredita que perde parte desses níveis de sentido ao ler AHDE em inglês, pois pensa que este idioma não comporta a densidade de relações entre humor e tragédia que a língua original da obra admite.

Tóibín (2014) também enfatiza a maestria de Lispector em mesclar humor e tragédia em AHDE. O escritor explica que a extrema cautela e delicadeza na escrita de Lispector oportunizam finas conjunções entre ironia, motejo e dor; ocorram estas no palco (Macabéa) ou nos bastidores do teatro (Rodrigo S. M.) que ela mesma constrói. Tóibín conclui que somente o estilo clariciano consegue, a um só tempo, exercitar tão aguda consciência sobre a tragédia de estar vivo e permitir astutamente que a mera existência seja uma comédia.

Outro elemento menos explorado em AHDE é a *questão feminista* (viii). Na verdade, alguns críticos somente mencionam aspectos do feminismo quando apresentando a vida pessoal da autora, como por exemplo o contraste entre sua figura de ‘esfinge’ e ‘dona de casa’ (Ha, 2015b), ou entre sua imagem de persona volitiva/livre e esposa de diplomata (Esposito, 2017; LaCava, 2015), ou ainda a exploração da ideia, já mencionada anteriormente, de que Lispector seria uma feminista de menor valor (Moore, 2009). Stobbs (2019), além do já mencionado Mac Adam (1986), é uma das poucas colunistas que superam temas como moda, vida doméstica e vida pública de Lispector para adentrar o romance em si, ainda que por um breve momento. Para a britânica, a política de gênero seria parte central da temática de AHDE, à medida em que através do “realismo mágico” Lispector tanto satirizaria o patriarcado quanto apontaria a exploração da mulher.

Ao lado do mesmo Mac Adam (1986), Stobbs (2019) é também uma das poucas críticas que se debruça sobre a *dimensão social* de AHDE (ix), a qual recebe menos atenção ainda do que o aspecto anterior. Diferentemente da discussão social empreendida por Arêas (1977) e Ribeiro (1977), ou da noção de que Lispector ‘estetizaria’ a pobreza (Moore, 2009), introduzida na abertura desta seção, Stobbs (2019) argumenta que o mesmo realismo mágico que serve de lente para visualizar a situação da mulher também é utilizado para lançar luz sobre tópicos socioeconômicos como o empobrecimento, o poder destrutivo do capitalismo consumista; ou a desigualdade de classes, conforme sugere Gildea (2014). Nesse sentido, mas mantendo-se enigmático e enfatizando mais o estético, Tóibín reproduz Hélène Cixous para sintetizar sua avaliação sobre a dimensão social em AHDE: “é um texto sobre a pobreza que não é pobre” (Cixous apud Tóibín, 2014, s.p.).

Até aqui, fizemos o exercício de catalogar diversas vozes da sociedade a respeito da recepção de AHDE, expressas por especialistas ou não, que circularam em jornais e revistas tanto no Brasil como no exterior, nas quatro décadas seguintes à publicação dessa obra. Nas próximas seções, faremos o mesmo exercício, enfocando, porém, a crítica especializada, ou, mais precisamente, aquela de natureza acadêmica, produzida por estudiosos de diferentes áreas do conhecimento e veiculada em artigos, dissertações, teses e/ou livros. Essa dupla abordagem é relevante para mensurarmos os impactos desse romance tanto no meio acadêmico quanto fora dele – o que amplia nossa lente de análise e de compreensão desta obra que se configura como uma *chave* de leitura de toda a saga clariciana.

Percepções inaugurais da crítica acadêmica: anos 1970 e 1980

Abstraídas certas implicações do contexto sociopolítico e do lugar social de seu autor, podemos dizer que é a Eduardo Portella que devemos, provavelmente, o primeiro olhar analítico direcionado a AHDE, ainda que não exatamente acadêmico, como havíamos anunciado para esta seção. Neste gesto, o autor, por seu lugar social, desempenha um papel público de *promoter*, bem mais do que de analista. Não obstante esse agravante, é preciso reconhecer ao texto de Portella – para além de uma superfície aparentemente publicitária – seu caráter investigativo intrínseco. Trata-se do prefácio à primeira publicação de AHDE, pela editora José Olympio, em 1977, que ao que tudo indica, fora solicitado pela própria Lispector.

Portella intitula este texto-prefácio ao romance com o sugestivo e ambivalente sintagma “O grito do silêncio”, iniciando-o com um questionamento: “Devemos falar de uma nova Clarice Lispector, ‘exterior e explícita’, o coração selvagem comprometido ‘nordestinamente’ com o projeto brasileiro?” (Portella,

1978, p. 9), num gesto discursivo, como já salientado acima, notadamente estratégico no sentido da construção/apresentação da figura de uma autora mais 'palatável', que estaria a entregar aos leitores uma obra mais representacional, mais situada e menos abstrata. Porém, vendida esta primeira imagem avalizada pela autoridade da função/do cargo, aparece o arguto crítico literário sombreando/suplantando a persona pública de preposto do estado (militar), tecendo considerações de reconhecido valor intelectual e relativas a traços internos da obra, seu objeto, forma, filigranas de sua arquitetura:

A opção de Clarice Lispector foi a opção da linguagem, na certeza de que ela é o verdadeiro lugar da existência. A linguagem como energia, atividade, trabalho, produtividade do sentido: não somente as palavras e as frases, mas um 'sentido secreto', que é mais do que elas. E este 'sentido secreto' só se dá por inteiro no nível do silêncio. Não a mudez opaca e doente, porém a forma dilacerada do grito. É preciso que se ouça o grito contido no interior do silêncio; que se perceba o destino sisifiano da palavra (Portella, 1978, p. 9).

Vê-se que, após um discurso 'laudatório', perfeitamente compreensível pela conjuntura política da época, Portella exercita seu ofício de crítico profissional avançando considerações de ordem propriamente literárias, por meio das quais enuncia elementos centrais da obra em tela. Na literatura, como acontece também na vida fora dela, nem tudo está dado pela primeira impressão.

Dois anos depois, em 1979, Olga de Sá publica *A escritura de Clarice Lispector*. Nesse estudo, a pesquisadora destaca o romance AHDE:

Este livro dialoga com todo o universo ficcional de Clarice Lispector, e, particularmente, contrapõe com *Água Viva*. Ninguém espere do livro, avisa o narrador, Rodrigo S. M., requintes, brilho de estrelas [...]. A estrela de que se trata é "estrela de cinema" e só aparece mesmo na hora da morte. Essa é a hora estrela. Reportam, neste texto, questionadas, ironizadas e sofridas, as perplexidades da narrativa moderna, em geral, e as de ficção clariciana, em particular. Para não cair no excesso de citar todo esse pequenino grande livro de 104 páginas (o menor de Clarice Lispector) (Sá, 1979, pp. 208-209).

Semelhantemente aos colunistas Mac Adam (1986) e Stobbs (2019), Sá reconhece a destreza de Lispector em um romance tão breve, mas ao mesmo tempo tão denso. Nesse sentido, seria razoável considerar que Sá concorde com a percepção da segunda comentarista anglófona, para a qual Lispector atinge eficientemente uma profundidade similar à de James Joyce, mas sem alongar-se pelas quase 1000 páginas de seu *Ulysses* (1922). Sá (1979) também nota que de certo modo AHDE destoa da produção clariciana anterior, já que neste romance haveria

uma inserção, problematização ou/e explicitação tanto de um espaço geográfico quanto social, um argumento que seria mais tarde reverberado por Edwards (2012) e Mac Adam (1986).

Além disso, é possível notar uma relação entre a análise de Junqueira (1977), mencionado na *seção 1*, e as observações de Sá (1979), para a qual AHDE também não recorre ao triunfo ou requinte da linguagem na construção das realidades, conforme nota-se em *Água Viva* (Lispector, 1973). No movimento contrário, AHDE consubstanciaria uma espessidão dos pontos de vista e evocaria um menoscabo pelas personagens, elementos que contrastam com a luminescência da construção de mundo, dos sujeitos e das palavras em *Água Viva* (Lispector, 1973). Mais que isso, tanto para Sá (1979) quanto para Mujica (1992) e Tóibín (2014), AHDE seria um projeto exploratório que em certa medida desvela e afronta os fundamentos da própria ficção literária.

Já em 1981, Olga Borelli publica o estudo *Clarice Lispector-Esboço para um possível retrato*, para o qual, por sua condição de proximidade pessoal, dispõe de informações privilegiadas por meios das quais tenta desvendar a pessoa por trás da autora. Como sua melhor amiga, Borelli relata que, em 1977, Clarice sabia que a morte estava próxima e essa aguda consciência do fim faz de AHDE um romance diferente de todos os outros, configurando-se como uma espécie de chave para se entender a escritura de Lispector, bem como as relações entre literatura e vida da escritora. Borelli estava ao lado de Lispector nos instantes que antecedem seu falecimento, e publica nesse livro as últimas palavras da artista.

Borelli reitera que é da eminência da morte (ver Tóibín, 2014) e do reencontro com a vida, com suas múltiplas identidades, que Lispector vai retirar material para a escrita de AHDE. O reencontro se dá com o Nordeste do Brasil, terra na qual a literata chegou de navio ainda bebê, em Alagoas, indo, posteriormente, para Recife, local onde passou a infância: “A última viagem de sua vida levou-a a Recife: o objetivo era o reencontro com suas raízes e suas esperanças”. Percorreu aí os lugares que viram o “iniciar de sua inquietação, de sua ânsia de liberdade e o desabrochar dos primeiros textos” (Borelli, 1981, p. 43).

Ainda sobre esse último momento de vida, vale pontuar aqui o que registrou uma das principais divulgadoras da obra de Lispector no mundo, Hélène Cixous, conforme já mencionado na segunda seção. Segundo ela, AHDE reflete tanto sobre o valor da vida, quanto sobre a inevitabilidade da morte, elementos que contextualizariam a escritura do romance:

Sempre sonhei com o último texto de um grande escritor. Um texto que seria escrito com as últimas forças [...]. No último dia antes de sua morte, [...] seus pés estão leves no ar infinito, e ele olha as estrelas. Amanhã o autor será uma estrela entre as estrelas [...]. O último dia é belo para quem sabe viver. É um dos mais belos dias da vida (Cixous, 1999 [1989], p. 125).

Cixous parece insistir na ideia de que AHDE funciona como um epílogo não apenas para a trajetória da pessoa de Lispector, mas também para o próprio espírito criativo da autora. No romance se consumariam a morte, a beleza e o triunfo dos modos claricianos de ver o mundo. Por conseguinte, para a estudiosa francesa, assim como outros críticos (ver Tóibín, 2014; Arêas, 2005; Gotlib, 1995; Waldman, 1992; Guidin, 1998 [1994]; Borelli, 1981), a relevância de AHDE reside exatamente no fato de que trata-se do registro das últimas energias de um artista.

Ainda em 1981, surge o fascículo *Clarice Lispector: literatura comentada*, um dos estudos mais sérios e acessíveis sobre Lispector, organizado por Samira Youssef Campedelli e Benjamin Abdala Jr. Este livro apresenta textos selecionados, estudo histórico-literário, biografia, um panorama da época, características da autora e aspectos relativos às formas de criação de Lispector; além disso, oferece uma literatura comentada sobre nove obras da escritora, incluindo AHDE.

Nesse estudo, Campedelli e Abdala Jr. (1981) discutem sobre a natureza ontológica ou identitária das personagens em AHDE, bem como sobre as funções estéticas que essas desempenham na constituição da narrativa. Para ambos, Rodrigo S. M. é o narrador do romance e o escritor que ironiza o estilo de narrativa que ele próprio utiliza, através de contínuas intrusões no texto (ver Mac Adam, 1986). Já Macabéa é sua personagem-protagonista, reduzida ao apelido Maca, imagem igualmente irônica dos sete macabeus, personagens bíblicas. Nesse sentido, Campedelli e Abdala Jr. (1981) parecem concordar com outros críticos (ver Dennis, 2018; Tóibín, 2014; Moore, 2009) sobre a noção de que humor e tragédia se integram nas evocações de sentido produzidas pela narrativa. Ao passo que Macabéa é representada como uma impotente e pobre mulher que se tornou órfã aos dois anos de idade, é ao mesmo tempo vista como o corpo franzino que causa riso. Ela é não somente a materialização feminina da herança de um sertão sofrido, bem como o espaço subjetivo em que a repressão cultural se dá mediante a sátira e o escárnio.

Campedelli e Abdala Jr. (1981, p. 92), à semelhança de colunistas já citados (ver Arêas, 1977; Ribeiro, 1977; Rawet, 1979; Mac Adam, 1986; Stobbs, 2019), também enfatizam a dimensão narrativa de crítica social, em que Lispector mostraria, com humor, os desencontros da fala da protagonista com o namorado. Para os dois estudiosos, Macabéa, oriunda de um Brasil iletrado e rural, não consegue entender os símbolos de uma sociedade urbana e competitiva, que leva os sujeitos a se preocuparem demais em “ser alguém na vida”, “vencer na vida” ou “ser feliz”.

Por outro lado, os críticos acima não deixam de elucubrar a respeito da natureza estética de AHDE, faceta que pra eles é igualmente relevante (Campedelli

& Abdala Jr., 1981). Sugerem que no instante crucial de seu último adeus Macabéa atinge a plenitude: do caos, do motejo e da miséria de sua própria vida ela emerge como uma estrela que nasce de uma explosão, um momento de vertigem em que existência e morte se tocam (ver Sousa, 2012). Trata-se de um fim irônico para um romance em que apenas no momento da morte se percebe que cabe à mais miserável protagonista sustentar o narrador. Nessa história o narrador não subsiste ao desfecho, não resta a ele a construção de um longo epílogo porque sem Macabéa, não há Rodrigo S. M., tampouco enredo; eis aí a metafórica e filosófica revelação da estrela e seu brilho-valor, que só vêm ao mundo na hora da morte.

Cinco anos após a publicação do fascículo de Campedelli e Abdala Jr., em 1986, *O Ato Criador de Clarice Lispector*, de Nicolino Novello, ganha o Prêmio Literário Nacional, na categoria de obra literária inédita, promovido pelo *Instituto Nacional do Livro*. Novello (1987) apresenta um tratamento bibliográfico e de caráter nitidamente intertextual sobre a obra de Lispector. O universo teórico-literário que prevalece em Novello (1987) também revela uma metalinguagem crítica acerca do ato narrativo em AHDE e outros romances da autora. Assim, Novello sublima AHDE como uma proeza artística de Lispector em que o estético em sua plenitude não se realiza em detrimento da crítica social.

Tal qual Novello, Benedito Nunes é outro crítico que se debruça sobre AHDE a partir da segunda metade da década de 1980. No entanto, diferentemente do primeiro, o professor paraense é considerado um dos precursores da compreensão filosófica das obras de Lispector. Havia publicado em 1966 um estudo de maior extensão acerca da produção clariciana, denominado *O mundo de Clarice Lispector*. Esse estudo foi reeditado em 1969 na coletânea ensaística *O dorso do tigre*. Em 1973, Nunes produz outro estudo mais alentado, uma *Leitura de Clarice Lispector*, que abrangeu todas as obras da autora publicadas até 1971. Tal análise foi incluída, por fim, em *O drama da linguagem*, de 1989, em que o crítico contempla todas as obras de Lispector, incluindo AHDE, cuja narrativa, segundo ele, é movimentada por “três histórias que se conjugam, num regime de transação constante”:

A primeira conta a vida de uma moça nordestina [...]. A segunda é desse narrador interposto, Rodrigo S. M., que reflete a sua vida na da personagem, acabando por tornar-se dela inseparável [...]. Mas essa situação, que os envolve, ligando o narrador à sua criatura, como resultante do enredamento pela narrativa em curso, das oscilações do ato de narrar [...], constitui uma terceira história – a história da própria narrativa (Nunes, 1995 [1989], pp. 161-162).

Benedito Nunes discute ainda a “posição do narrador Rodrigo S. M., as relações com a linguagem e a realidade, [e...] o jogo de identidade de Clarice Lispector com seus personagens” (Nunes, 1995 [1989], p. 161). O filósofo também

problematiza essa dinâmica ontológica entre Rodrigo, Macabéa e Lispector, argumentando que “o narrador de *A hora da estrela* é Lispector, e [esta] é Macabéa” (Nunes, 1995 [1989], p. 169; Sousa, 2012; Gotlib, 1995; Campedelli & Abdala Jr., 1981).

Embora sua observação não enfoque nenhum romance em particular, e sim a obra de Lispector enquanto conjunto, Benedito Nunes parece contrapor-se a muitos críticos de Lispector. Para ele, o método de composição de Lispector é a recomposição temático-filosófica, que constitui a concepção do mundo inerente à obra literária. Por isso, Nunes (1976 [1969]) almeja captar o estilo e o movimento da escrita de Lispector, afirmando que sua preocupação está mais “em caracterizar a atitude criadora da romancista e sua concepção do mundo, marcadamente existencial, que com essa atitude se relaciona, do que analisar a estrutura da criação literária propriamente dita” (Nunes, 1995 [1989], orelha).

A reivindicação do intelectual nortista não é arbitrária, nem motivada por inclinações acadêmicas endógenas, por essa ou aquela teoria. O que o crítico deseja, de fato, é apresentar a literatura como problema, pois entende que para Lispector a figuração estética não é alheia à ordem dos acontecimentos e vai evidenciar essa sua compreensão do projeto literário da autora ao se debruçar sobre AHDE.

Recepções críticas no entremeio: anos 1990

Os anos de 1990 serão marcados por uma espécie de expansão da obra de Lispector no mundo acadêmico e no mercado editorial brasileiro e estrangeiro. Uma série de edições mais “populares” passa a ser publicada, e numerosos estudos específicos sobre sua produção artística são desenvolvidos, seja no que se refere à literatura ou às outras artes. A partir de então, Lispector começa a se tornar parte de um cânone, despertando tão grande interesse justamente por ser a um só tempo “doméstica e selvagem, atual e ancestral”, um sujeito feminino *sui generis* na história da literatura brasileira (Helena, 1997, p. 20).

Sob essas circunstâncias, Berta Waldman (1992), analisando o romance *Perto do Coração Selvagem* (Lispector, 1943), delineia um quadro comparativo de várias personagens claricianas e conclui que, embora a inquietação seja um traço marcante em todos os romances de Lispector, é em AHDE que essa característica se faz sentir de maneira mais ‘apoteótica’, como se fosse o enlace final das obras anteriores (ver Tóibín, 2014; Arêas, 2005; Gotlib, 1995; Guidin, 1994 [1998]; Borelli, 1981):

A Hora da Estrela recolhe não só quase todos os problemas da narrativa dos outros romances de Clarice, mas também muitas de suas imagens. [...] É um arremate

esclarecedor da ficção de Clarice Lispector, porque é a palavra desnudada, a palavra final (Waldman, 1992, p. 102).

Para Waldman (1992), Macabéa faz recordar Joana, do romance *Perto do coração selvagem* (Lispector, 1943), muitas vezes em virtude do contraste esporádico que se nota entre ambas, já que, ao contrário da segunda, aquela nunca possui a audácia de questionar-se, de inquirir acerca de quem é, o que faz no mundo ou por que existe. Ao mesmo tempo, a protagonista de AHDE se conduz na mesma incerteza e fluidez identitária que emergem em Virgínia, de *O lustre* (Lispector, 1946). Tanto Macabéa quanto Lucrecia, de *A cidade sitiada* (Lispector, 1949), observam a vida e os sujeitos a partir de seus pontos de vista de espectadoras marginalizadas, só sabem “espiar”. Entretanto, diferentemente de Lóri, de *O livro dos prazeres* (Lispector, 1969), Macabéa não vivencia desmaios de amor; a única ânsia sensual que ela experimenta se produz no encontro com sua própria morte banal.

Waldman (1992) acrescenta ainda que como Martim, de *A maçã no escuro* (Lispector, 1961), e como o narrador de *Água Viva* (Lispector, 1973), Rodrigo S. M. também se digladia com a insuficiência da linguagem na apreensão do mundo; por isso essa sua percepção dos seres e das coisas se assemelha à fotografia, à música ou à pintura. A estudiosa sugere que ao conjugar todas essas diferentes tessituras estéticas em uma só narrativa Lispector propõe em AHDE não apenas a primazia do vácuo (cf. Castello, 2011; Moser, 2011b; Shakespeare, 2014; Gildea, 2014; Kofman, 2015; Stobbs, 2019; Walsh, 2020), mas também a criação da vida nos diferentes matizes da palavra e do silêncio (cf. Portella, 1978; Kehoe, 2014; Evans, 2014; Gildea, 2014; Dennis, 2018):

Nessa perspectiva, e acompanhando em parte a tese de Rawet (1979), Waldman (1992) ratifica a importância de compreender a articulação entre AHDE e os demais romances de Lispector. O estudo de Waldman procura analisar AHDE como um momento em que Clarice, diante de toda sua produção literária, direciona um olhar mais divergente sobre o mundo e a própria arte, um olhar mais amplificado que alcança e entrelaça os artifícios do sonoro, do tátil e do visual.

A visualidade também se apresenta no trabalho da pesquisadora clariciana Nádia Gotlib. Em *Clarice: uma vida que se conta* (1995), Gotlib organiza uma amostra fotográfica em seu primeiro capítulo e traz no restante da obra registros dos momentos mais significativos da vida e da produção literária e jornalística de Lispector. Gotlib (1995) procura construir uma biografia da autora através de leitura de escritos pela própria Lispector e de outros textos a seu respeito. Cartas, depoimentos e artigos críticos resultam numa narrativa alerta à construção de uma imagem singular de Lispector e sua relação intrínseca com suas personagens.

Na última parte desse mesmo livro, Gotlib se dedica a uma reflexão acerca de AHDE. A estudiosa concorda com seu antecessor, Nunes (1995 [1989]), quanto à existência de mais de uma história dentro do mesmo romance. Nesse sentido, Gotlib argumenta que em AHDE há uma tensão dialética entre amor e morte (cf. Waldman, 1992; Sousa, 2012) em cada uma dessas histórias concomitantes, e é justamente esse sistema tensional que tanto atesta o valor quanto justifica a notoriedade do romance em tela. Segundo ela, AHDE ilustra bem como o ato de criação implica morte subjetiva do criador, uma vez que a criatura, desvencilhando-se de quem a gerou, passa a ser agente/protagonista de sua própria história (cf. Sousa, 2012). É exatamente sob esses termos, comparáveis ao jogo identitário anteriormente apontado por Nunes (1995 [1989]), que Gotlib define a natureza fundacional das relações ontológicas entre Lispector (a autora), Rodrigo S. M. (o narrador), Macabéa (a protagonista) e Olímpico (o coadjuvante):

Clarice ama Rodrigo, que ama Macabéa, que ama o moço bonito, que a mata, matando assim o narrador, Rodrigo, e por consequência, a autora implícita, Clarice. Mata Macabéa justamente no momento em que esta se insurge como sujeito que deseja o outro, arriscando-se a construir ou inventar uma história sua, impossível num sistema fundado nos horrores da discriminação (Gotlib, 1995, p. 470).

Nesse sentido, Sousa (2012; ver Campedelli & Abdala Jr., 1981) percebe relações semelhantes a essas apontadas por Gotlib como, na verdade, formas de mascaramento da alteridade. Com efeito, Lispector se inscreveria no narrador, que por sua vez se projetaria sobre Macabéa. O teórico também defende que a construção desse mascaramento suspende, por exemplo, as posições de gênero (masculino/feminino) no exato momento da intersecção entre uma e outra identidade; uma tese que parece distinta daquela elaborada por Gotlib (1995).

De qualquer modo, anteriormente ao trabalho de Gotlib, dentre tantos outros (ver Arêas, 2005; Tóibín, 2014; Gotlib, 1995; Waldman, 1992; Borelli, 1981), Guidin (1998 [1994], p. 8) também já propusera AHDE como um romance essencial, uma espécie de síntese das obras de Lispector: “Talvez sua própria ‘hora de estrela’ ou, ironicamente, uma ‘saída discreta pela porta dos fundos’ – que é um dos treze títulos deste livro [...], Clarice, já doente, previra *A hora da estrela* como última obra”.

Para além dessa concepção de AHDE como narrativa conjuntiva, alguns críticos, sejam eles da mídia (Walsh, 2020) ou da academia (Cixous, 1979b), se aventuraram a apontar a relação entre o judaísmo e a escrita clariciana. Enquanto Cixous (1979b), por exemplo, não se dedica à uma profunda análise acerca dessa interação no caso particular de AHDE, Waldman (1998; 2003) desenvolve justamente essa perspectiva de leitura no romance. A própria Lispector, no

entanto, deixou claro ao longo de sua carreira literária o desejo de não ser categorizada ou compreendida como uma escritora judaica, afirmando-se simplesmente brasileira: “Sou judia, você sabe, embora não acredite que o povo judeu seja o povo eleito por Deus. Eu, enfim, sou brasileira, pronto e ponto” (Lispector, 1976 apud Waldman, 1998, p. 93). Na contramão dessa expectativa, mas reconhecendo a posição de Lispector, Waldman (1998; 2003) explora a filosofia e o simbolismo judaicos presentes no nome e na representação de Macabéa: “Há certos modos gerais de orientação da imaginação expressos artisticamente que parecem judaicos, ainda que evitem com escrúpulos toda referência a essa origem” (Waldman, 1998, p. 95).

Na mesma esteira, porém de um ponto de vista mais cético, DiAntonio (1989; 1993) acredita que o uso irônico que Lispector faz (em AHDE) dos motivos judaicos, inclusos aí os temas históricos e bíblicos, é menos evidente do que se percebe em outros escritores brasileiros, como Moacyr Scliar. Ainda assim, DiAntonio (1993) ilustra sua tese ao notar que o motorista do carro – tão amarelo em AHDE quanto as estrelas usadas pelos judeus na Alemanha – que atropela Macabéa é alemão (Hans), tanto quanto o foram os algozes dos judeus no Holocausto; Madame Carlota, a cartomante que lê o futuro da protagonista, consegue ludibriá-la da mesma forma que os captores nazistas o faziam com os judeus prestes a morrer nas câmaras de gás. Outros estudiosos concordam e argumentam que Lispector provavelmente não poderia escapar à tradição religiosa, como se pode observar na ideia de Macabéa como um ser abjeto ou uma abominação bíblica (Schiminovich, 1993). Entretanto, eles defendem que AHDE não pode ser perpetuamente vinculada a essa dimensão, uma vez que a escrita clariciana subverte a lógica, a noção de conclusão narrativa e o autoritarismo de perspectivas (ver Schiminovich, 1993; Rawet, 1979).

Essa proximidade entre AHDE e a tradição judaica apontada por Schiminovich (1993), DiAntonio (1989; 1993), e outros (Waldman, 1998; 2003; Gotlib, 2001; Nitschack, 2004; Moser, 2011a [2009]), talvez não seja tão intensa quanto aquela defendida por Nelson Vieira (1995). Em sua obra, Vieira insere Lispector na lista de notáveis escritores judaico-brasileiros. Ele acredita que Lispector, entre tantos outros autores, adota a tradição judaica não necessariamente para explorar seu entorno e desafiar o *status quo* da arte e das estruturas sociais (cf. Rawet, 1979), mas para exercitar a narrativa pela perspectiva de “motivos, metáforas, mitos e temas judaicos”, que “abarcam uma visão crítica e criteriosa da cultura nacional porque refletem as muitas dimensões da diferença” (Vieira, 1995, p. 19).

Além dos estudos sobre os elementos judaicos em AHDE, permanece ainda o interesse pela dimensão feminina, nascente nos trabalhos de Cixous (1979a; 1979b). Nesse sentido, mas já no fim dos anos 1990, Pontieri (1999) se propõe a

discutir a construção que Lispector realiza da mulher como ser aberrante, burlesco ou caricato, isto é, trágico e cômico. Diferente dos críticos midiáticos mais recentes (ver Moore, 2009; Ha, 2015b; LaCava, 2015; Esposito, 2017; Stobbs, 2019), Pontieri enfatiza a decadência estética das personagens femininas de Lispector – Lucrécia, de *Cidade sitiada* (Lispector, 1949), a barata, de *Paixão segundo G.H.* (Lispector, 1964), e a própria Macabéa de AHDE –, bem como o paradoxo entre seus respectivos traços de beleza embrionária/oprimida e de fealdade explícita/pulsante.

A pesquisadora defende ainda que a figura feminina de Macabéa não possui qualquer autenticidade, pois sua individualidade tende a ser esvaziada, seja pela ausência, pelo silêncio, pela mudez, entre outros fatores. Semelhantemente, sua degradação subjetiva se reflete no mundo que a cerca e vice-versa. Assim, o corpo feminino se torna espaço antinômico de tensão e anulação, apatia e dominância de poderes; os quais são imensamente mais amplos e eficazes em assujeitar a mulher dentro de uma política de gênero que convencionava e oprime (Pontieri, 1999).

Lispector e a crítica acadêmica da contemporaneidade: anos 2000

O início deste século testemunhou uma das primeiras importantes pesquisas sobre AHDE pelas mãos do historiador João Alfredo Montenegro (2001). Seus ensaios exploram sobretudo as facetas filosóficas e sociais das personagens no romance em tela, com destaque para a protagonista Macabéa. No que se refere à dimensão social, Montenegro (2001, p. 21) parece acompanhar Rawet (1979; Portella, 1978), à medida que contraria Moore (2009), quando argumenta que AHDE “recompõe o que se passa no cotidiano dos marginalizados, representados com extraordinária força simbólica pelos nordestinos”. Incluindo reflexões relativas ao humor na narrativa, tão notado por críticos já mencionados (Campedelli & Abdala Jr. 1981; Moore, 2009; Tóibín, 2014; Dennis, 2018), Montenegro (2001, p. 21) enfatiza o drama e a tragédia entretidos nas perspectivas filosóficas de Lispector: “O sonho frequenta [...] o universo axiológico de Macabéa, arrastando-a à comicidade, aos desencontros, ao trágico em que pedaços do Ser emergem aqui e acolá de mistura com assustadores contextos com o real vivo”. Ele explica que AHDE presta-se a uma abordagem interdisciplinar que permite extrair do texto uma visão rica e abrangente. Apresentando uma profundidade ontológico-existencial das personagens com as vicissitudes sociais que suportam, “Clarice cedo descobriu as virtualidades poderosas da linguagem, e nela concentrou as suas energias” (*ivi*, p. 216).

Ainda em 2001, Nádia Gotlib volta a se dedicar ao estudo de AHDE. Em seu trabalho, a pesquisadora supera a tese das três histórias, proposta por Nunes (1995 [1989]) e com quem antes concordara, e passa a analisar o romance como se

fosse composto de cinco camadas ou linhas narrativas concomitantes e/ou entrecruzadas. A primeira camada narrativa conceberia a trajetória cronológica e meramente factual de Macabéa, sua origem sertaneja, passando por sua vida urbana até sua morte. Na segunda camada, vê-se claramente que a vida da protagonista e do narrador Rodrigo S. M. se entrelaçam. Nessa linha narrativa, Macabéa nasce a partir das infundáveis perguntas que Rodrigo S. M. faz a si mesmo. Para Gotlib (2001), a protagonista é projeção dele, ou melhor, é fruto de seu narrador, como já sugerira em seu estudo anterior (Gotlib, 1995). Essa projeção se dividiria em nove fases: O nascimento, A infância, O chefe (Seu Raimundo), Os prazeres, O namorado (Olímpico), A colega (Glória), O médico de pobre, A cartomante e, finalmente, A morte (Gotlib, 2001).

Na terceira linha narrativa, Gotlib (2001, p. 308) destaca a rara “imagem positiva de Macabéa”. Ela é apaixonada pela palavra, pelos livros, pela música, pelos anúncios, pela Rádio Relógio, pelo cinema, pelos artistas hollywoodianos. Também tem uma “ingenuidade inofensiva” que sensibiliza o leitor.

Na quarta linha narrativa, Gotlib (2001) aponta a história em torno da própria criação do romance e a biografia de Lispector. Nesse sentido a pesquisadora defende que os trezes títulos dados a AHDE operam como índices dessa história de relação entre vida pessoal e obra de Lispector, ou melhor, como guias “de possíveis leituras, como se fossem pontas de uma estrela que se projetam em várias direções, fios de sentido que podem ser puxados pelo leitor, ao escolher algum ou alguns desses títulos” (*ivi*, p. 313). Para corroborar sua tese, a estudiosa alude, por exemplo, ao fato de que a simbologia judaica se faz presente em AHDE (ver Waldman, 1998; 2003; Schiminovich, 1993; DiAntonio, 1989; 1993; Nitschack, 2004; Moser, 2011a [2009]), e ao fato de que Lispector e família fogem da miséria ao migrarem para o Rio de Janeiro nos anos 1930 (cf. Moore, 2009; ver Rosembaum, 2002), percurso similar ao de Macabéa.

A última linha narrativa só emerge dos efeitos de sentido da própria leitura do romance total. Essa construção de sentidos aponta para a ideia de que o espírito ou a ontologia de Macabéa é indissociável de sua condição no mundo; se faz na imanência e não na transcendência. Seu ser na vida se equipararia a uma “coisa”, “imune ao magnetismo, às relações sociais” (Gotlib, 2001, p. 317). Assim, ela ocuparia um “lugar neutro, utópico, insustentável, um vácuo, que é [também] o lugar da exclusão – fora dos sistemas, ser rejeitado; o lugar em que, enquanto vivo, se basta” (*ibidem*). Talvez justamente por isso, conforme Gotlib, Macabéa provoque tanto uma indignação quanto uma fascinação espantosa nos que a leem.

No ano seguinte à publicação desse estudo de Gotlib, é a vez Yudith Rosembaum (2002) explorar as nuances de AHDE. Rosembaum esclarece as circunstâncias em que Lispector, acometida por um câncer uterino, escreve, com apoio da amiga Olga Borelli, o romance em tela e simultaneamente *Um Sopro de*

vida (Lispector, 1978). Segundo ela, o contraste entre Angela Pralini, oriunda do segundo romance, e Macabéa, protagonista do primeiro, é bastante evidente. Maca é “pobre, raquítica e semianalfabeta, incompetente para a vida”; Pralini, por outro lado, é “escritora rica, elegante, moradora da zona sul do Rio, ex-esposa de um grande industrial” (Rosembaum, 2002, pp. 54-55). A estudiosa nota ainda que até aquele momento os romances claricianos ressaltam as mulheres “sozinhas, letradas, profissionais bem-sucedidas, voltadas para a própria subjetividade e solidão” (*ibidem*). No entanto, ela crê que em AHDE a construção das figuras femininas projeta uma perspectiva distinta, já que Lispector recorre a uma mulher de classe sociocultural bastante diversa da que se nota em seus outros romances; e é justamente através dela que a escritora desvela uma feminilidade desconhecida do leitor, mas intimamente relacionada à sua biografia de migrante/nordestina, que uma vez escapou da pobreza (ver Gotlib, 2001; cf. Moore, 2009).

Do mesmo modo, Horst Nitschack (2004) observa o fato de que Lispector surpreendentemente constrói uma mulher pobre, jovem e de intelectualidade inferior para protagonizar este último romance. Nitschack acrescenta que a vida miserável e deprimente dessa mulher na metrópole carioca só é finalmente redimida pela morte, símbolo da apoteose e não da tragédia. Por outro lado, Nitschack (2004) se distancia significativamente de certos críticos (ver Arêas, 1977; Ribeiro, 1977; Gildea, 2014; Stobbs, 2019) ao argumentar que a proposição da crítica social como tema central em AHDE seria um modo de reduzir e depauperar sua leitura (cf. Mac Adam, 1986).

Ainda assim, Nitschack (2004) parece acompanhar outros analistas literários (ver Tóibín, 2014) quando reverbera parte da tese de Nunes (1995 [1989]), segundo o qual AHDE é também uma história sobre o próprio processo de elaboração da narrativa: não é “a história de uma menina feia do Nordeste brasileiro que tem que superar as dificuldades no Rio de Janeiro, mas [...] a história de uma experiência fictícia do escrever (Nitschack, 2004, p. 230).

No mesmo livro em que Nitschack publica seu ensaio, encontramos um capítulo sobre AHDE subscrito por Chiappini (2004). Em sua releitura da fortuna crítica de Lispector, essa autora propõe uma perspectiva integradora da questão filosófica, feminina e social nessa obra clariciano. Sensivelmente distinta de Nitschack, Chiappini (2004) reitera que tanto as leituras exclusivistas quanto as excludentes não se articulam com outras leituras. Com efeito, há o risco delas promoverem um “empobrecimento” crítico, visto que se tornam cegas às outras possibilidades de significação. A pesquisadora explica ainda que parte da crítica tem se conformado ao reducionismo, muitas vezes desvinculando forma e conteúdo e, em outros casos, subsumindo-se no biografismo, conforme notamos anteriormente na *seção 2* (ver Shakespeare, 2014; Kofman, 2015; Há, 2015; Esposito, 2017; Edwards apud Shook, 2018; Walsh, 2020; Galchen, 2020).

Sob tais circunstâncias, Chiappini (2004) acredita que somente uma crítica literária integradora, erguida a partir de diversos pontos de vista, seria capaz de desvelar a riqueza ou densidade de uma obra como AHDE (ver Novello, 1987). Para ela, não se trata de ambicionar uma leitura totalizante, mas de agenciar a correlação do romance com tantas temáticas, perspectivas e obras claricianas quanto possível, como já sugerido por Rawet (1979).

No que diz respeito às dimensões social e feminina de AHDE, Chiappini (2004, p. 257) destaca que Lispector ao mesmo tempo em que “subverte os gêneros da tradição patriarcal, quando é enquadrada no gênero romance de formação”, também localiza Macabéa em dilemas sociais mais amplos, como o constante retorno da protagonista à sua infância órfã (realidade observada em outros romances claricianos), enfrentando sozinha os desafios da metrópole a partir de uma viagem sem regresso. Notam-se em AHDE tanto as desventuras da mulher brasileira em busca de uma realização ou satisfação, quanto os conflitos que constituem uma sociedade latino-americana aspirando à dada concepção de modernidade.

Chiappini conclui que uma perspectiva integradora nas análises sobre AHDE é condição *sine qua non* para que a recepção crítica não se limite e estreite ricos ângulos de visão acerca do romance. Ora, se a própria Lispector rejeitava qualquer espécie de “amarra, seja o engajamento político direto na sua ficção, seja o feminismo”, a fim de que pudesse criar mais livremente, não haveria então motivo para que seus críticos confinassem seus pontos de vista a este ou aquele plano/dimensão de leitura (*ivi*, p. 260).

Já em 2005, Sérgio Antônio Silva publica *A hora da estrela de Clarice*, uma obra que também coloca em pauta o ato de criação de Lispector, apontando a relação de sua escrita com o ocaso, “o estar sempre a morrer”. Comparavelmente a Gotlib (1995), Silva (2005) sugere que ao inventar Macabéa o narrador insere-se num tempo distinto daquele em que habita a protagonista, o tempo da morte, antes mesmo que esta assome para alcançar também sua criatura. A geração de um personagem implica a morte de seu próprio artífice. Assim, o fim de ambos estaria inevitavelmente instituído na relação que os sustenta.

Nolasco (2007), por sua vez, parece levar a sério a perspectiva integradora proposta anteriormente por Chiappini (2004). Em seu meticuloso estudo, *Caldo de Cultura: A hora da estrela e a vez de Clarice Lispector*, o pesquisador conjuga aspectos estéticos e sociais de AHDE em torno da discussão do conceito de cultura, conforme evidenciado pelo título de sua obra. De um lado, Nolasco (2007) explora a diversidade cultural, a hibridização, a marginalização, a alienação e o capitalismo consumista (cf. Gildea, 2014; Stobbs, 2019) que constituem o romance; por outro ângulo, discute os modos através dos quais a arte e os artistas

massificados projetam padrões estéticos, permeiam a formação identitária dos sujeitos e fornecem substrato às suas fantasias ou desejos.

Em 2008 Nádya Gotlib retorna à cena crítica acerca de AHDE, dessa vez para analisar a adaptação desse romance para o cinema, um longa-metragem homônimo, dirigido por Suzana do Amaral em 1985; mesma iniciativa empreendida por Araújo (2008). Porém, diferentemente de seu colega, Gotlib alarga o escopo de seu trabalho ao mostrar a influência de AHDE também no campo musical. Assim, ela discute as canções de Caetano Veloso (*A Hora da Estrela do Cinema*) e Wally Salomão (*Campeão Olímpico de Jesus*), as quais tematizam respectivamente os dilemas das personagens Macabéa e seu namorado Olímpico (Gotlib, 2008, p. 464).

Dedicando-se unicamente às relações entre AHDE e sua adaptação cinematográfica, Araújo (2008), por sua vez, procura apresentar sobretudo os pontos de concordância entre ambos. Segundo ele, tanto o filme quanto o romance convergem para a construção do prisma de “um ser humano pobre, simples, inculto, carregando consigo as características do meio em que se encontra” (Araújo, 2008, p. 74; ver Gotlib, 2001). Assim como Rich (1998), crítico estadunidense que também se dedica à análise da película e do romance, Araújo (2008) percebe através do status migrante de Macabéa o embate entre rural e urbano, o arcaico e o moderno (ver Campedelli & Abdala Jr., 1981). Araújo acrescenta ainda que as duas obras, embora operem em semioses fundamentalmente distintas, são bastante eficazes na elaboração da protagonista como um ser frágil, tolo, desprezioso, confuso, vazio de existência e repleto de uma constante dor. Em sentido semelhante, José Castello (2011) confirma que a produção cinematográfica captura muito bem o espírito do romance; tão bem que a diretora Suzana Amaral não consegue dar corpo ao narrador, o que confirmaria sua tese conforme a qual Rodrigo S. M. não passa de uma sombra, um vulto no espectro de cores da trama.

Já no rol de estudos biográficos sobre Lispector e sua AHDE, a obra de Moser (2011a [2009]) certamente se destaca por ser uma das mais completas. Na opinião do crítico estadunidense, em AHDE Lispector juntaria “todos os fios de sua escrita e de sua vida” (Moser, 2011a [2009], p. 632), a saber, os ovários “murchos” da protagonista e da escritora, a origem alagoana de ambas, bem como sua migração rumo ao Rio de Janeiro (ver Gotlib, 2011; Rosembaum, 2002). Para além da interação entre a vida pessoal de Lispector e a tessitura de AHDE, realidade notada por tantos críticos (ver Shakespeare, 2014; Kofman, 2015; Há, 2015; Esposito, 2017; Edwards apud Shook, 2018; Walsh, 2020; Galchen, 2020), Moser insiste, como muitos de seus antecessores (ver Schiminovich, 1993; DiAntonio, 1989; 1993; Waldman, 1998; 2003; Gotlib, 2001; Nitschack, 2004; Moser, 2011a [2009]), na ideia de que o romance em questão é “explicitamente judaico”,

mas ao mesmo tempo “explicitamente brasileiro, ligando o Nordeste da infância com o Rio de Janeiro da vida adulta, social e abstrato, trágico e cômico” (Moser, 2011a [2009], p. 633). Sem poupar na seleção de palavras, e ao modo de Sérgio Milliet (apud Broida, 2019), Moser arremata sua discussão sobre AHDE ao declará-la “um monumento digno da ‘genialidade insuportável’ de sua autora” (Moser, 2011a [2009], p. 633).

Para Castello (2011), essa genialidade se manifesta sobretudo no contraste entre a escritura de Lispector e a do próprio narrador de AHDE. O crítico sugere que enquanto o estilo clariciano singra os mares da linguagem (e para além dela) “desgovernado” e potente, despudorado e “irônico”, consubstanciando a “ignorância” e o “fracasso” (cf. Silva, 2005), a narração de Rodrigo S. M. se constitui como batalha em torno da vida e crença na realidade, sendo este elemento desprezado pela escritora (Castello, 2011, p. 13).

No que concerne à dimensão estética, Castello (*ivi*, p. 209) argumenta que o realismo clariciano (cf. Stobbs, 2019) oportuniza primorosas metáforas em torno do ser e do agir das personagens. Nesse sentido, a protagonista se torna mais que um sujeito simplório e obtuso, ergue-se como um “fantoche do real” cuja fragilidade feminina se contrasta com a “vida pesada e bruta do mundo masculino”, incorporado por sua vez no objeto de sua afeição, Olímpico. Tal qual Moser (2011a [2009]) e Milliet (apud Broida, 2019), Castello (2011, p. 209) também tende a sublimar o valor de AHDE: “é uma magistral reflexão a respeito não só da complexidade do real, mas de nossa incapacidade para fisgá-lo”.

A renomada obra de Moser (2011a [2009]) encontra seu contraponto menos biográfico em *Clarice Lispector – Figuras da escrita*, de Carlos Mendes de Sousa (2012). Trata-se de um estudo mais extenso do que as quase 500 páginas produzidas pelo crítico estadunidense. Sousa utiliza esse vasto espaço para discutir praticamente toda a produção de Lispector, não apenas romances, crônicas e contos, mas também cartas, entrevistas, notas e outros manuscritos. Ao passo em que ratifica AHDE como uma proeza de “orientação metaficcional”, Sousa ressalta o poder da representação figurativa presente no mesmo romance. Para ele o laborioso “ato criador através da palavra” é parte vital do arcabouço estético e filosófico da narrativa, e pode ser ilustrada nas “dificuldades do escritor para impor o nome” (Sousa, 2012, p. 177).

Já em 2013, Sousa lança *Clarice Lispector – Pinturas*, fascículo que retrata a ligação entre as artes plásticas e literárias de Lispector. Dentre as obras pictóricas apresentadas por Sousa (2013) destaca-se o quadro *Explosão*. Segundo o pesquisador, o título do quadro mantém afinidade com as reflexões apresentadas pelo narrador Rodrigo S. M. De fato, o termo “explosão” aparece ao menos vinte vezes na narrativa, marcando ora o destino, o embate, o choque ou estranheza; ora a alegria, a novidade, a surpresa ou a diferença (Sousa, 2013). O estudioso adiciona

ainda que todas essas marcas confluem para a tentativa de construção do retrato da protagonista.

No mesmo ano, Affonso Romano de Sant'Anna e Marina Colasanti publicam *Com Clarice*. Além de amigos, os dois eram também admiradores de Lispector. Esse fato permite que ambos registrem na obra parte do legado escrito, sobretudo correspondências, decorrente dessa proximidade. Na última e mais interessante parte do livro, Sant'Anna e Colasanti (2013) apresentam a transcrição de uma entrevista concedida por Lispector um ano antes de sua morte. Nesse depoimento, a autora discorre sobre sua trajetória na literatura e comenta brevemente sobre a criação de AHDE. Além disso, nesse mesmo diálogo, Lispector entrega sua preferência por Coca-Cola, e acaba por indiciar a relação biográfica – tão tematizada por diversos críticos – entre ela e sua protagonista Macabéa, outra apreciadora dessa bebida.

Considerações finais

Conforme anunciado anteriormente, tivemos neste texto a intenção de apresentar e discutir parte da crítica dedicada a AHDE, na tentativa de (re)avaliar a relevância deste romance como legado de Lispector para literatura no Brasil e no exterior, considerando esta oportunidade única do centenário da escritora. Para tanto, exploramos a fortuna crítica de AHDE por meio do debate, da comparação e da sistematização de estudos, pesquisas e textos opinativos, não apenas de cunho acadêmico, mas também midiático, realizados ao longo das quatro décadas posteriores a sua publicação. Assim, nosso trabalho também visou proporcionar ao leitor um panorama ampliado da recepção desse romance e, igualmente, render homenagem a Lispector. Para facilitar esta tarefa, optamos por organizar a apresentação dos textos críticos mediante critérios cronológicos e também temáticos.

Ao explorar a natureza e a qualidade de AHDE, os primeiros textos da mídia brasileira, apresentados na *seção 1*, parecem se concentrar em dois eixos de discussão: um relacionado ao contraste entre a introspecção de Lispector (Medeiros, 1977; Junqueira, 1977) e a explicitação (Habib, 1977), ou entre estilo íntimo e engajamento social (Arêas, 1977; Ribeiro, 1977); e outro referente à liberdade transgressora de criar (Rawet, 1979) e à demanda por compromisso representacional na construção das identidades brasileiras por meio da ficção (Portella, 1977). Os focos desses debates são posteriormente reverberados em diferentes graus e formas nos textos da mídia, não apenas no Brasil, mas também no exterior.

Outros textos recentes na mídia brasileira ainda reforçam o intimismo e a inovação estética de Lispector em AHDE (Moscovich, 2017; Maciel, 2017), ao

apontar a versatilidade dessa narrativa nas adaptações para outros gêneros multimodais, como peças teatrais, musicais e filmes (A Hora, 2017). Dessa forma, de uma perspectiva mais pedagógica, eles tentam conectar os temas do romance à vida cotidiana e às questões feministas, aprofundando também as discussões sobre a natureza filosófica da narrativa de Lispector (Ianelli, 2019; Obra, 2019; Moscovich, 2017; Maciel 2017; Guedes, 2015; Alves, 2008).

Conforme evidencia a *seção 2*, nos textos da mídia que avaliam o romance em publicações estrangeiras, no entanto, devido ao seu maior número e ênfase direcionada, conseguimos identificar ao menos nove temas através dos quais AHDE foi discutido pela crítica: (i) a natureza da estética clariciana, (ii) o lugar de AHDE e Lispector no panteão literário, (iii) o efeito estético de AHDE sobre os leitores, (iv) sua habilidade de incorporar o vazio na estética, (v) a conexão entre a vida da autora e a obra, (vi) a dimensão filosófica, (vii) a interação entre humor e tragédia, (viii) o feminismo de sua escrita e (ix) a dimensão social. Além disso, algumas características da escrita clariciana antes abordadas pela mídia brasileira, como a explicitação de estilo e o envolvimento social da autora em AHDE, ressurgem nos textos midiáticos estrangeiros, mas tendem a ser relegadas ao segundo plano quando mencionadas.

De modo geral, as *seções 1 e 2* apontaram que a dimensão estética de AHDE (linguagem incluída) parece vir em primeiro lugar nos textos da mídia, seguidos de debates sobre seus valores/implicações filosóficas. Além disso, a conexão da vida pública e privada de Lispector com a qualidade de seu romance também parece uma tendência em um número significativo de textos da mídia, o que poderia tornar as publicações mais atraentes para quem nunca ouviu falar da escritora brasileira, aumentando, talvez, o número de leitores da mesma maneira que os tabloides atraem seus interlocutores. Sob essas circunstâncias, o carisma de Lispector, assim como sua arte, ainda prova ser digno de atenção após tantas décadas, e apesar da natureza incomum, desafiadora, intrínseca ou mesmo 'inacessível' de seus escritos. Nesse sentido, seus romances podem não ser tão convidativos quanto algumas narrativas "mais fáceis" a que muitos leitores estão acostumados, mas sua personalidade certamente é capaz de intrigar até os interlocutores mais céticos, começando pelos colunistas que dedicam uma quantidade razoável de tempo para tentar entender quem ela é e como eles devem apresentá-la a diversos públicos sem diminuir ou restringir todo o potencial de sua singularidade.

A partir das *seções 3, 4 e 5*, concluímos que os críticos acadêmicos tendem a reconhecer a maestria de Lispector ao criar um romance tão breve, mas ao mesmo tempo tão esteticamente intrincado e filosoficamente profundo. Alguns pesquisadores acreditam, assim como certos colunistas de jornal, que em AHDE Lispector substitui uma língua de triunfos, presente em romances anteriores, por

outra mais “desgovernada”, poderosa, despudorada e “irônica”, capaz de consubstanciar a “ignorância” e o “fracasso” (Sá, 1979; Castello, 2011). Nesse sentido, especialistas defendem que a estética clariciana exerce uma função metodológica e epistêmica mais ampla, que é a de desvelar e questionar os fundamentos do gênero romance, bem como o caráter da ficção ou a natureza da própria arte literária (Sá, 1979; Nunes, 1995 [1989]; Nitschack, 2004; Chiappini, 2004; Sousa, 2012).

A importância de AHDE fica ainda mais evidente quando notamos que um considerável número de pesquisadores defende a ideia de que o romance é uma chave para compreender todas as outras obras de Lispector (Borelli, 1981; Waldman, 1992; Guidin, 1998 [1994]; Gotlib, 1995; Rosembaum, 2002). Como o registro das energias finais do espírito criativo de Lispector, a narrativa emerge na crítica como um enlace conclusivo que dialoga diretamente com muitos romances anteriores, tais como *Perto do coração selvagem* (Lispector, 1943), *O lustre* (Lispector, 1946), *A cidade sitiada* (Lispector, 1949), *O livro dos prazeres* (Lispector, 1969), *A maçã no escuro* (Lispector, 1961) e *Água Viva* (Lispector, 1973), e até com romance publicado após a morte da autora, como é o caso de *Um Sopro de vida* (Lispector, 1978).

Tal qual se nota nos textos midiáticos, muitos estudos acadêmicos procuram explorar as relações e as produções de sentido entre humor e tragédia no romance em tela (Campedelli e Abdala Jr., 1981; Montenegro, 2001). No entanto, diferentemente dos colunistas, os pesquisadores parecem dar maior ênfase à dimensão social (Campedelli & Abdala Jr., 1981; Novello, 1987; Montenegro, 2001; Nitschack, 2004; Chiappini, 2004; Nolasco, 2007; Sousa, 2012). Ainda assim, alguns deles alertam para o fato de que o foco nessa ou naquela dimensão da narrativa não pode se dar em detrimento do estético ou de quaisquer outros aspectos. Por isso, argumentam em favor de uma abordagem exploratória de AHDE que seja mais cautelosa, aberta ou integradora, não negligenciando as diversas possibilidades que a obra de arte oferece (Nitschack, 2004; Chiappini, 2004; Novello, 1987).

A relação entre a vida de Lispector e a escritura de AHDE é outra dimensão que aproxima a crítica acadêmica e a midiática. Entretanto, diferentemente da ênfase biográfica demasiada que encontramos nos periódicos de massa, os pesquisadores tendem a ser mais parcimoniosos quando assumindo esse ângulo de consideração. Aqueles que o fazem procuram encontrar pontos específicos de interação entre a biografia e o romance em questão, justificando suas percepções através do maior número de evidências disponíveis e evitando defender relações generalizantes entre a escritora e sua obra (Borelli, 1981; Campedelli & Abdala Jr., 1981; Cixous, 1999 [1989]; Gotlib, 1995; 2001; Rosembaum, 2002; Moser, 2011a [2009]; Castello, 2011; Sant’Anna & Colasanti, 2013). Nesse sentido, ao menos no

que se refere a AHDE, nosso estudo nos permite discordar parcialmente de Chiappini (2004), segundo a qual o biografismo domina uma porção considerável dos textos críticos acadêmicos sobre as obras de Lispector.

Acadêmicos também sugerem que AHDE não se trata de uma história única, mas de uma narrativa com múltiplas histórias ou camadas entrelaçadas: a de Macabéa, a do narrador e da própria escrita, dentre outras (Nunes, 1995 [1989]; Gotlib, 2001; 2005; Silva, 2005; Nitschack, 2004). Provavelmente a partir dessa compreensão, alguns desses analistas indicam que essa multiplicidade narrativa tanto serve de insumo quanto se manifesta como efeito de tensões ontológicas, ou jogo de mascaramentos da alteridade, ou relações identitárias profundas entre Lispector, o narrador, Macabéa e Olímpico (Nunes, 1995 [1989]); Gotlib, 1995; Silva, 2005; Sousa, 2012). Assim, cada uma dessas “pessoas” se (re)projeta sobre a outra, preferencialmente nessa ordem e através de um fluxo constante.

A partir dos anos 1990 a crítica começa a prestar maior atenção à presença da herança judaica em AHDE. Reconhecendo o desejo de Lispector em não ser rotulada como escritora judia, mas simplesmente brasileira, teóricos da literatura ainda assim insistem em apontar as relações entre o judaísmo, temas bíblicos e/ou tópicos da história judaica e o romance em tela (DiAntonio, 1989; 1993; Schiminovich, 1993; Vieira, 1995; Waldman, 1998; 2003; Gotlib, 2001; Moser, 2011a [2009]). Apesar disso, alguns sugerem que ao tomarem essa abordagem não pretendem vincular Lispector perpetuamente à questão judaica (Waldman, 1998; 2003; Schiminovich, 1993).

Outras perspectivas sobre AHDE que surgiram bem antes da década de 1990, como é o caso da temática feminista (ver Cixous, 1979a; 1979b), também parecem ganhar força a partir desse mesmo período (Pontieri, 1999; Rosembaum, 2002; Nitschack, 2004; Chiappini, 2004; Castello, 2011). A subversão da tradição e do autoritarismo patriarcal, a natureza singular da feminilidade de Macabéa, e o contraste desta com outras personagens femininas de Lispector, ou mesmo com o mundo masculino de Olímpico, parecem estar entre os elementos mais frequentemente discutidos pela crítica no que se refere à temática feminista. Dentre esses críticos, alguns destacam que Lispector constrói Macabéa como uma antítese em relação às mulheres encontradas em outros romances claricianos, figuras que tendem a ser sozinhas, mais cultas e (profissionais) bem-sucedidas socioeconomicamente (Rosembaum, 2002; Nitschack, 2004).

A dimensão filosófica é também outro aspecto cativo nos textos da crítica acadêmica desde a década de 1970. Ressaltando a marcante presença de múltiplas visões existenciais, praticamente todos os estudiosos concordam que filosofia e estética se integram de maneira bastante inusitada na escrita clariciano de AHDE (Cixous, 1979a; 1979b; Novello, 1987; Nunes, 1995 [1989]; Waldman, 1998; 2003; Montenegro, 2001; Chiappini, 2004; Sousa, 2012).

Por fim, nossa retomada das *seções 3, 4, e 5* também nos ensina que AHDE excede os limites da literatura. Dessa forma, o romance não apenas se constrói enquanto transubstanciação linguística do som, dos relevos, dos contornos ou das imagens (Waldman, 1992), mas também subsidia o diálogo com outras artes, como fotografia, cinema, música e pintura (Gotlib, 1995; 2008; Araújo, 2008; Sousa, 2013).

Conforme implícito acima, esse mergulho no oceano da recepção de AHDE Brasil adentro e mundo afora trouxe-nos alguns desafios, dentre os quais gostaríamos de registrar o dilema na escolha de orientação da ênfase para empreender a discussão pretendida: dadas as limitações de espaço deste artigo, foi preciso decidir entre fazer algo mais amplo/estendido ou algo mais circunscrito/pontual. Optamos pela primeira possibilidade devido à natureza dos objetivos de nosso estudo, mais próximo de uma ideia de apresentação, comparação e sistematização dos textos críticos. Desse modo, reconhecendo a incompletude deste artigo, comprometemo-nos a retomar, em trabalhos vindouros, temas que nos são igualmente caros, a exemplo da questão judaica, da escrita feminina e da relação entre espaço ficcional e realidade social presentes em AHDE e em outras obras claricianas, cujos contornos merecem um olhar mais integrado (Chiappini, 2004).

A complexidade de que se revestiu nossa busca nos manteve sempre alertas quanto à necessidade de mantermos certa isenção de ânimo na escolha dos trabalhos a serem apresentados em nossos debates, de forma que não viéssemos a ser guiados apenas por nossa afeição positiva ou empática relativamente aos críticos retratados. Nesse sentido, temos a clareza de que estudar uma autora como Clarice Lispector é – por qualquer ângulo que se olhe – colocar-se em risco, ou seja, é assumir uma atitude ambivalente frente a esse objeto-autor e sua obra: de encantamento, desejo ou ambição de conhecer (porque sem isso nem existimos), e de humildade na investigação, de clareza sobre sua falibilidade; porque a literatura, como a vida, “não é um fato consumado”.

Com efeito, reconhecer as contribuições de Lispector à literatura no Brasil, na América Latina e em outras partes do mundo exige um esforço para superar as categorias que muitos tentam impor a ela. Embora AHDE tenha sido comparado muitas vezes, os romances de Lispector não são os mesmos que os de James Joyce, Virginia Woolf, Franz Kafka ou até mesmo Jorge Luís Borges. Ela parece realmente desafiar as classificações ortodoxas. Dessa forma, qualquer tentativa de rotular suas obras transgressivas pode acabar transformando-a em uma artista que ela não é ou negligenciando as novas perspectivas que ela está realmente trazendo para a literatura. Por outro lado, equiparar a narrativa de Lispector à de autores europeus só pode nos lembrar que a artista latina não é inferior nem superior a qualquer outro escritor, é simplesmente divergente e deve ser entendida através de sua própria alteridade. Assim, apesar de não ter sido aclamada por unanimidade na

mídia ou necessariamente por todos os estudiosos, o prestigioso lugar de Lispector e AHDE entre os grandes autores/obras do mundo é inquestionavelmente mais do que merecido.

Bibliografia

- A HORA da estrela de Suzana Amaral. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 21 jun. 1986.
- A HORA da estrela, de Clarice Lispector, será adaptada para musical. *Jornal O Povo*, Fortaleza, 09 ago. 2017.
- ALVES, Betania Ribeiro. “Clarice Lispector: A hora da estrela”. *Diário do Nordeste*, Fortaleza, 21 jun. 2008.
- ANO do centenário de Clarice Lispector, 2020 terá série de lançamentos que lembrarão vida e obra da escritora. *Zero Hora*, Porto Alegre, 19 de dez. 2019. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/noticia/2019/12/ano-do-centenario-de-clarice-lispector-2020-tera-serie-de-lancamentos-que-lembrarao-vida-e-obra-da-escritora-ck4czbeke06xt01rz9b3sne7x.html>>. Acesso em: 29 de mar. 2020
- ARÊAS, Vilma. “Que mistérios tem Clarice”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 nov. 1977.
- ARÊAS, Vilma. *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- BECHERUCCI, Bruna. “Lixo, sim: lançamento inútil”. *Veja*, Rio de Janeiro, 31 jul. 1974.
- BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: Esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
- BRAZIL-ARAB, News Agency. “Clarice Lispector novel published in Egypt”. *Brazil-Arab News Agency*, São Paulo, 06 ago. 2018.
- BROIDA, Mike. “The Siege of Clarice Lispector”. *The Paris Review*, Nova Iorque, 30 abr. 2019.
- CAMPEDELLI, Samira Youssef & JR, BENJAMIN Abdala. *Clarice Lispector: literatura comentada (1925-1977)*. São Paulo, Abril Educação, 1981.
- CANCINO, Cristian Avello. “A Hora da Estrela volta à cidade grande”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 08 out. 1999.
- CANDIDO, Antonio. “No raiar de Clarice Lispector” in CANDIDO, Antonio *Vários escritos*. 4ª ed. São Paulo, Duas Cidades, 1977. (pp. 123-131).
- CASTELLO, José (Org.). *Clarice na cabeceira: romances*. Rio de Janeiro, Rocco, 2011.
- CHIAPPINI, Ligia. “Clarice e a crítica: uma perspectiva integradora” in PONTIERI, Regina (org.) *Leitores e leitura de Clarice Lispector*. São Paulo, Hedra, 2004. (pp. 235-268).

- CIXOUS, Hélène. "L'Approche de Clarice Lispector". *Poétique, Revue de Théorie e d'Analyse Littéraires*, Paris, (40): 408-419, nov. 1979a.
- CIXOUS, Hélène. *Vivre l'Orange, to Live the Orange*. Paris, Des Femmes, 1979b.
- CIXOUS, Hélène. *A hora de Clarice Lispector*. Trad. Raquel Gutiérrez. Ed. bilingue. Rio de Janeiro, Exodus, 1999 [1989].
- CLARICE Lispector x Editores. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 08 nov. 1976.
- CLARICE Lispector, mais um livro e a mesma solidão. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 ago. 1977.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de – Marina, COLASANTI. *Com Clarice*. São Paulo, Unesp, 2013.
- CRONIN, Brenda. "Clarice Lispector: Brazil's Virginia Woolf". *The Wal Street Journal*, Nova Iorque, 10 ago. 2015.
- DENNIS, Olivia. "'The Hour of the Star': a philosophical and piercing introduction to Brazilian literature". *Lindsay Magazine*, Victoria, 02 jul. 2018.
- DIANTONIO, Robert. "Aspects of contemporary Judeo-Brazilian writing" in DIANTONIO, Robert (org.) *Brazilian fiction: aspects and evolution of contemporary narrative*. Fayetteville, University of Arkansas Press, 1989. (pp. 113-118).
- DIANTONIO, Robert. "Resonances of the Yiddishkeit tradition in the contemporary Brazilian narrative" in DIANTONIO, Robert – Nora, GLICKMAN (orgs.) *Tradition and innovation: reflections on Latin American Jewish writing*. Albany, State University of New York, 1993. (pp. 45-60).
- DODSON, Katrina. "Literature: rediscovering Clarice through translation". *Berkeley Review of Latin American Studies*, Berkley, march/may 2017.
- EDWARDS, Magdalena. "My Hour of the star: on Clarice Lispector". *The Millions*, Nova Iorque, 11 jan. 2012.
- ESPOSITO, Scott. "How the Witchcraft of Clarice Lispector Saved My Life". *Literary Hub*, Nova Iorque, 25 jul. 2017.
- EVANS, C. J. "The genius of Clarice Lispector". *Music & Literature*, Los Angeles, 24 abr. 2014.
- GALCHEN, Rivka. "Her Big Horse Face". *London Review of Books*, London, 42(7), 2 abr., 2020.
- GILDEA, Kelvin. "If you were to read one Clarice Lispector book, which should it be?". *The Irish Times*, Dublin, 12 jul. 2014.
- GOLDMAN, Nathan. "Clarice Lispector's lifelong project". *The Nation*, Nova Iorque, 30 mar. 2018.
- GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice, fotobiografia*. São Paulo, EDUSP, Imprensa Oficial, 2008.
- GOTLIB, Nádía Battella. *Clarice: uma vida que se conta*. 5ª ed. São Paulo, Ática, 1995.

- GOTLIB, Nádia Battella. "Macabéa e as mil pontas de uma estrela" in MOTA, Lourenço Dantas - Benjamin, ABDALA JR (orgs.) *Personae: grandes personagens da literatura brasileira*. São Paulo, SENAC, 2001. (pp. 285-317).
- GUEDES, Diogo. "A crítica americana se rende a Clarice Lispector". *Jornal do Commercio*, Recife, 02 ago. 2015.
- GUIDIN, Márcia Lúcia. *Roteiro de Leitura: A hora da estrela de Clarice Lispector*. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1998 [1994].
- HA, Thu-Huong. "Clarice Lispector's Magical Prose". *The Atlantic*, Boston, 21 ago. 2015a.
- HA, Thu-Huong. "The literary world's new breakout cult writer has been dead for almost 40 years". *Quartz*, Nova Iorque, 21 ago. 2015b.
- HABIB, Sérgio. "Clarice Lispector: outro mergulho mágico". *Jornal de Brasília*, Brasília, 29 out. 1977.
- HELENA, Lúcia. *Nem musa, nem medusa: itinerários da escrita de Clarice Lispector*. Niterói, EDUFF, 1997.
- IANELLI, Mariana. "Clarice Lispector: uma sugestão de roteiro de leitura". *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 10 dez. 2019.
- JOYCE, James. *Ulysses*. Paris, Sylvia Beach, 1922.
- JUNQUEIRA, Ivan. "Clarice Lispector: insólita, solitária, romancista total". *O Globo*, Rio de Janeiro, 23 out. 1977.
- KEHOE, Paddy. "Hour of the star: Clarice Lispector". *RTÉ-Raidió Teilifís Éireann*, Dublin, 14 mai. 2014.
- KELLOGG, Carolyn. "Rediscovering Clarice Lispector, the Brazilian author who blurs the lines of dreams". *Los Angeles Times*, Los Angeles, 13 jun. 2019.
- KOFMAN, Ava. "Not the Word, but the Thing Itself". *The Nation*, Nova Iorque, 05 nov. 2015.
- LACAVA, Stephanie. "Found in Translation: The Complete Stories of Clarice Lispector". *Los Angeles Review of Books*, Los Angeles, 03 ago. 2015.
- LISPECTOR, Clarice. *Perto do Coração Selvagem*. Rio de Janeiro, Editora A noite, 1943.
- LISPECTOR, Clarice. *O Lustre*. Rio de Janeiro, Editora Agir, 1946.
- LISPECTOR, Clarice. *A Cidade Sitiada*. Rio de Janeiro, Editora A noite, 1949.
- LISPECTOR, Clarice. *A Maçã no Escuro*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1961.
- LISPECTOR, Clarice. *A Paixão Segundo G.H.* Rio de Janeiro, Edição do Autor, 1964.
- LISPECTOR, Clarice. *Uma Aprendizagem ou O Livro dos Prazeres*. Rio de Janeiro, Editora Sabiá, 1969.
- LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*. Rio de Janeiro, Editora Artenova, 1973.
- LISPECTOR, Clarice. *A Hora da Estrela*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1977.

- LISPECTOR, Clarice. *Um Sopro de Vida (Pulsações)*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1978.
- LISPECTOR, Clarice. *The hour of the star*. Trad. Benjamin Moser. New York, New Directions, 2011.
- MAC ADAM, Alfred. "Falling down in Rio". *The New York Times*, Nova Iorque, 18 mai. 1986.
- MACIEL, Nahima. "A hora da estrela, de Clarice Lispector, completa 40 anos". *Correio Braziliense*, Brasília, 29 mai. 2017.
- MASLIN, Janet. "The screen: 'The hour of the star', from Brazil". *The New York Times*, Nova Iorque, 21 jan. 1987.
- MEDEIROS, Benício. "Solitária, solidária". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 26 nov. 1977.
- MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. *História e Ontologia em A hora da estrela, de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 2001.
- MOORE, Lorie. "The Brazilian Sphinx". *The New York Review of Books*, Nova Iorque, 24 set. 2009.
- MORAES, Emmanuel de. "A via-crucis de Clarice". *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 17 ago. 1974.
- MORGAN, Adam. "The great Clarice Lispector revival". *Electric Literature*, Nova Iorque, 19 ago. 2019.
- MOSCOVICH, Cíntia. "Saiba por que você precisa (re)ler A Hora da Estrela, de Clarice Lispector". *Zero Hora*, Porto Alegre, 07 dez. 2017.
- MOSER, Benjamin. *Clarice, uma biografia*. Trad. José Geraldo Couto. 2ª ed. São Paulo, Cosac Naify, 2011a [2009].
- MOSER, Benjamin. "Brazil's Clarice Lispector gets a second chance in English". *Publishing Perspective*, Nova Iorque, 02 dez. 2011b.
- MOSER, Benjamin. "The true glamour of Clarice Lispector". *The New Yorker*, Nova Iorque, 10 jul. 2015.
- MUJICA, Barbara. "The hour of the star". *Americas*, 44 (1), 1992. (p. 61).
- NOLASCO, Edgar Cezar. *Caldo de Cultura: A Hora da Estrela e a vez de Clarice Lispector*. Campo Grande, UFMS, 2007.
- NOVELLO, Nicolino. *O ato criador de Clarice Lispector*. Rio de Janeiro, Presença, 1987.
- NUNES, Benedito. *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo, Quíron, 1973.
- NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. 2ª ed. São Paulo, Editora Perspectiva, 1976 [1969].
- NUNES, Benedito. *O drama da linguagem: uma leitura de Clarice Lispector*. 2ª ed. São Paulo, Ática, 1995 [1989].
- OBRA completa de Clarice Lispector é reeditada em comemoração ao seu centenário. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05 dez. 2019.
- PONTIERI, Regina (org). *Leitores e Leituras de Clarice Lispector*. São Paulo, Hedra, 2004.

- NITSCHACK, Horst. "A Hora da Estrela (Clarice Lispector) e Primera Muerte de María (Jorge Eduardo Eielson): Superação de uma estética de mimesis" in PONTIERI, Regina (org) *Leitores e Leituras de Clarice Lispector*. São Paulo, Hedra, 2004. (pp. 213-234).
- PONTIERI, Regina. *Clarice Lispector: uma poética do olhar*. São Paulo, Ateliê Editorial, 1999.
- PORTELLA, Eduardo. "O grito do silêncio". *Tempo Brasileiro: Revista de Cultura*, 51(1), 1977. (pp. 8-10).
- PORTELLA, Eduardo. "O grito do silêncio" in LISPECTOR, Clarice *A hora da estrela*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978. (pp. 07-11).
- RAWET, Samuel. "A hora da estrela ou as frutas da frota, ou um ensaio de crítica literária policial" in SANTOS, Francisco Venceslau dos (org.). *Fortuna crítica em jornais e revistas*. Rio de Janeiro, Caetés, 2008 [1979]. (pp. 6-8).
- RAWET, Samuel. "A hora da estrela ou as frutas da frota, ou um ensaio de crítica literária policial". *Minas Gerais Suplemento Literário*, 11 mar. 1979. (pp. 8-9).
- RIBEIRO, Léo Gilson. "A Hora das Estrelas". *Jornal da Tarde*, Rio de Janeiro, 19 nov. 1977.
- RICH, B. Ruby. "Cinema that rolls with the politics". *The New York Times*, Nova Iorque, 29 nov. 1998.
- ROSEMBAUM, Yudith. *Clarice Lispector*. São Paulo, Publifolha, 2002.
- SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. Petrópolis, Vozes; Lorena [São Paulo], Faculdades Integradas Teresa D'Ávila, 1979.
- SCHIMINOVICH, Flora. "Lispector's rethinking of biblical and mystical discourse" in DIANTONIO, Robert - Nora, GLICKMAN (orgs.) *Tradition and innovation: reflections on Latin American Jewish writing*. Albany, State University of New York, 1993. (pp. 147-156).
- SCHWARZ, Roberto. "Perto do Coração Selvagem" in SCHWARZ, Roberto *A sereia e o desconfiado: ensaios críticos*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965. (pp. 66-78).
- SHAKESPEARE, Nicholas. "Clarice Lispector: morbidly insensitive". *The Telegraph*, London, 01 fev. 2014.
- SHOOK, David. "The real Clarice: a conversation with Magdalena Edwards". *Los Angeles Review of Books*, Los Angeles, 23 nov. 2018.
- SILVA, Sérgio Antônio. *A hora da estrela*. Belo Horizonte, Autêntica, 2005.
- SOUSA, Carlos Mendes Nunes de. *Clarice Lispector: figuras da escrita*. São Paulo, Instituto Moreira Salles, 2012.
- SOUSA, Carlos Mendes Nunes de. *Clarice Lispector: pinturas*. Rio de Janeiro, Rocco, 2013.
- STOBBS, Alice. "Review: 'Hour of the Star' by Clarice Lispector". *The Boar*, Coventry, 31 jan. 2019.

- THE HOUR of the star. *Kirkus Reviews Issue*, Nova Iorque, 15 mar. 1986.
- TÓIBÍN, Colm. "Clarice Lispector's *The Hour of the Star* is as bewildering as it is brilliant". *The Guardian*, 18 jan. 2014.
- TRECHOS do novo livro de ficção de Clarice Lispector. *Última Hora*, Rio de Janeiro, 16 jan. 1977.
- VIDAL, Julian. "The Blazing World of Clarice Lispector, in 'Complete Stories'". *National Public Radio*, Washington, 15 ago. 2015.
- VIEIRA, Nelson. "Clarice Lispector's Jewish universe: passion in search of narrative identity" in AGOSÍN, Marjorie (org.) *Passion, memory, and identity: twentieth-century Latin American Jewish women writers*. Albuquerque, University of New Mexico Press, 1995. (pp. 85-113).
- WALDMAN, Berta. "O estrangeiro em Clarice Lispector". *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, 24(47), 1998. (pp. 95-104).
- WALDMAN, Berta. *Clarice Lispector: A paixão Segundo G.H.* São Paulo, Escuta, 1992.
- WALDMAN, Berta. *Entre passos e rastros: presença judaica na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo, Perspectiva, 2003.
- WALSH, Meeka. "Clarice Lispector: the thereness of language". *Border Crossings*, Winnipeg, 1(153), mar. 2020.
- WILMINGTON, Michael. "Star: ruthless look at ugly ducking". *Los Angeles Times*, Los Angeles, 25 fev. 1987.

Eliene Rodrigues Sousa

é Doutora pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura, Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil.

Contato: liaelienerodrigues@gmail.com

Gilberto Alves Araújo

é Doutorando & Assistente de Ensino na School of Literature, Language and Media, University of the Witwatersrand (Wits), África do Sul; e Professor Assistente & Pesquisador na Faculdade de Letras, Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil.

Contato: gilbertoa.araujo@yahoo.com.br

Raquel da Silva Lopes

é Professora Adjunta & Pesquisadora em Sociolinguística e Semiologia no Curso de Educação do Campo, Faculdade de Etnodiversidade, Universidade Federal do Pará (UFPA), Brasil.

Contato: ralopes@ufpa.br

Recebido: 30.04.2020

Aceito: 30.10.2020